

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Novas Crianças na Creche: O Desafio da Inclusão

Autora: Magali Aparecida de Oliveira Arnais

Orientadora: Profa. Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Magali Aparecida de Oliveira Arnais e aprovada pela comissão julgadora.

Data: 24/02/2003

Assinatura: LT Eglér

Orientador

Comissão Julgadora

LT Eglér
[Assinatura]
M. Teresa Eglér Mantoan
Eliete Aparecida

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE	30
Nº CHAMADA	Unicamp Ha Giln
V	EX
TOMBO BC/	54766
PROC.	16-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	23/07/03
Nº CPD	

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

CM00186923-B

BIB ID 296006

Ar61n Arnais, Magali Aparecida de Oliveira.
Novas crianças na creche : o desafio da inclusão / Magali Aparecida de Oliveira Arnais. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador : Maria Teresa Eglér Mantoan.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Creches. 2. Crianças deficientes. 2. Inclusão escolar. I. Mantoan, Maria Teresa Eglér. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

02-252-BFE

**Olhai as aves
Vi um pássaro alegre e descuidado
Sem lições de futuro ou de passado,
Sem afeições ou pensamentos graves.**

**E pensei na Palavra que me acalma
Confio em Cristo e sei do fundo da alma
Que Ele cuida de mim como das aves.**

Glória Junior

AGRADECIMENTOS

- Minha eterna gratidão a Deus, a quem todo ser humano deve o dom da vida, a inteligência e a capacidade para o estudo.
- À minha orientadora Profa. Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan que pela competência, conhecimento e simplicidade nas suas colocações ajudaram-me a esclarecer certos pontos e apontou novos ângulos a serem explorados neste trabalho.
- Às professoras Dras. Eliete Aparecida de Godoy e Maria Elisabete Rodrigues Freire Gasparetto pelas valiosas sugestões no exame de qualificação.
- Às Diretoras da Creche Área de Saúde - CAS/Unicamp: Ryoko T. Bellentani e Valéria F. F. Bomfin presentes no incentivo ao crescimento profissional daqueles com quem atuam.
- À equipe técnica da CAS, minhas amigas, pelo incentivo e colaboração na atuação com as crianças e familiares.
- Às recreacionistas e funcionárias da CAS pelos momentos de aprendizagem compartilhados.
- Aos colegas do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Diversidade - LEPED/Unicamp que me honraram com sua amizade, trocando idéias e informações sobre materiais e fontes de pesquisas.
- **Finalmente agradeço a meu filho Juliano pela elaboração e realização do CD-Rom e ao meu marido Ulisses pela paciência e colaboração na realização deste trabalho.**

LISTA DE QUADROS

Percurso Metodológico A Creche

Quadro I - Número de crianças atendidas pela CAS/Unicamp De 1990 a 2001, na faixa etária de 0 a 4 anos de idade.....	72
Quadro II -Profissionais que atuam na CAS e regime de contratação.....	73

RESUMO

Este estudo tem como objetivos pesquisar e conhecer os efeitos que a inclusão de crianças com deficiência causou na organização geral da Creche “Área de Saúde” da Universidade Estadual de Campinas. Utilizamos como investigação metodológica a pesquisa no/do cotidiano, não só pela oportunidade de lançar um olhar diferente sobre os mais diversos aspectos do cotidiano de uma instituição de educação infantil, mas também pela possibilidade de “mergulhar” inteiramente proporcionando uma maior interação entre pesquisador e objeto de estudo.

Percorreremos o cotidiano de quatro crianças sendo duas crianças com deficiência, uma criança que apresenta dificuldades de aprendizagem e uma criança que requer cuidado alimentar especial, discorrendo sobre como está estruturada a rotina delas, desde a chegada até a saída da Creche. Analisando as transformações que a presença dessas “novas crianças” trouxeram a Creche.

ABSTRACT

This study aims to search and know what effects the inclusion of deficient children could bring into the general organization of the Child Care Center “Área de Saúde” in Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. As methodology investigation we made use of daily life observations, not only for the opportunity to explain new points of view about the variety of aspects in daily life inside a children’s educational institution, but also for the possibility of a complete “diving” providing a greater interaction between investigator and the object in study.

We have searched through the every day life of four children, Two of them were deficient, one child with difficult in learning, and the last one needs special feeding care, exposing about how their routine is structured, since their arrival until they left the Child Care Center. Analyzing the transformation the presence of these “new children” brought to the Child Care Center.

HOME

SOBRE A TESE	01
▪ Apresentação	
O PROBLEMA	05
▪ Da Exclusão à Inclusão	05
▪ O Contexto da Educação Infantil	12
▪ Formulação e Delimitação do Problema	22
▪ Objetivos	28
▪ Revisão da literatura	30
REFERENCIAL TEÓRICO	35
PERCURSO METODOLÓGICO	51
▪ A Creche	60
▪ Um Dia na Creche	78
RETALHOS DO COTIDIANO	81
▪ O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola	81
▪ O Camaleão Cor de Rosa	93
▪ O Pé Caiu...	102
▪ O Biscoito de Polvilho	106
“QUILTAR” DA COLCHA	113
LINKS (referências bibliográficas e sites)	125
ANEXOS	131

ORIENTAÇÕES TÉCNICAS PARA O CD-ROM

Requisitos para o funcionamento do CD:

- Windows 95/98/NT/Me
- Internet Explorer 4 ou superior
- Hardware a partir de 32 MB de RAM

Procedimentos

1. Coloque o CD-ROM no leitor de CD
2. Nome do CD: My Disc (D :)
3. Ele iniciará utilizando:

Abra o Windows Explorer - clique na unidade de Cd-Rom e dois cliques em INDEX

*obs: Verifique a letra de sua unidade de Cd-Rom, geralmente é D: mais pode ser E:

Organização do CD - My Disc

- Página Inicial: Informações gerais (Música " Ciranda" - CD Canções de Brincar- Sandra Peres e Paulo Tatit).
- Páginas seguintes: Agradecimentos, Parágrafo Ilustrativo, Resumo /Abstract.
- Página de menu formado por ícones que caracterizam cada bloco de texto, devendo o leitor clicar por onde desejar iniciar a leitura. Música: Peixe vivo e Macaco da Floresta - Gravado na Creche Área de Saúde - Unicamp, com a participação das educadoras e crianças do Maternal II.

Cada palavra em destaque azul constitui um hiperlink, que ao ser clicado, levará às paginas que se referem ou exemplificam o conteúdo que está sendo lido, assim como a anexos, vídeos e fotos. Já as palavras em verde representam quadros com anotações pertinentes ao estudo.

O ícone VOLTAR permite ao leitor retornar à página de Menu, dando oportunidade de escolher outro bloco para leitura ou retornar a página inicial onde é possível encerrar o programa.

	Sobre a Tema	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
---	-----------------	------------	------------------------	--------------------------	--------------------------	-----------------------	-------

APRESENTAÇÃO

A intenção de realizarmos uma investigação no/do cotidiano de uma instituição de educação infantil com o objetivo de perceber no espaço /tempo, as modificações que ocorreram na organização geral dessa instituição com a entrada de crianças com deficiência, nos levou, pela riqueza do material coletado, a apresentá-la de maneira diferente.

O enfoque metodológico que assumimos não percorre um único caminho, mas diferentes caminhos. Caminhos percorridos pelos sujeitos na diversidade de suas ações e interações, vividas na creche.

Captar a complexidade dessa instituição envolve a construção de uma rede de significados com os quais buscamos reconstruir o seu cotidiano, que sabemos conflituoso.

Ao buscarmos compreender essa rede optamos por uma perspectiva que ultrapassasse os limites dos documentos, dos dados formalmente coletados e nos envolvemos inteiramente em nosso contexto de estudo, fazendo parte do cotidiano pesquisado.

As representações e as práticas que se configuram no espaço/tempo da creche serão compartilhadas nesse estudo através da apreensão de pequenos fragmentos, em textos, intertextos, sons e imagens.

	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links

Buscando a coerência entre o conteúdo da pesquisa e a forma de apresentá-la, e entendendo que não haveria como separar um do outro é que optamos pelo hipertexto digital como linguagem deste estudo.

Essa linguagem eletrônica oferece ao leitor a oportunidade de percorrer diferentes trajetórias, fazendo uma leitura não-linear do conteúdo apresentado.

Assim como na pesquisa no/do cotidiano o “mergulhar” inteiramente numa dada realidade estudada possibilita uma maior interação entre pesquisador e objeto de estudo, a linguagem hipertextual digital como mídia possibilitará maior interatividade e participação do leitor com o texto, do que ocorre com a leitura linear de um livro convencional.

Os dados contidos nas páginas do *site* serão apresentados não somente em forma de textos escritos, mas também por sons, imagens, animações que aproximam o leitor das situações pesquisadas.

No meio digital, a articulação de gêneros literários com diferentes mídias favorece o diálogo entre as formulações teóricas deste estudo. Assim, o leitor poderá fazer sua própria rota de navegação do texto, ampliando as redes de relações, conectando novas idéias e construindo novos conhecimentos. Daí a pertinência dessa linguagem com a metodologia de nossa pesquisa.

De fato, as características de uma pesquisa no/do cotidiano combinam com a forma não linear da linguagem hipertextual, por isso nossa escolha recaiu sobre ela.

Além do hipertexto digital, este trabalho está disponibilizado em meio impresso. Por uma questão espacial, relacionada às limitações da página impressa, alguns *links* aparecem em quadros dentro do mesmo texto, como ocorre com os suportes digitais. Porém, outros *links* com intertextos, sons e imagens, ficarão reservados para o hipertexto digital. O CD-Rom, sendo mais completo, implica num dinamismo diferente de leitura que o texto impresso não oferece ao leitor e nem ao autor.

	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links

Os comentários que os quadros apresentam trazem aberturas para outras visões, por isso têm valor de texto em si.

Contrariamente ao que ocorre nas teses tradicionais compostas por capítulos seriados, este trabalho apresenta uma organização diferente, ou seja, pode ser lido de forma circular, como se os capítulos fossem círculos convergentes, por isso eles não são numerados. Porém, cada página impressa é constituída de caracteres dispostos na parte inferior como uma barra de navegação similar ao que acontece em mídia eletrônica, e que servem para localizar o leitor no seu percurso de compreensão do texto.

Na parte superior da barra, localiza-se o menu principal, que corresponde aos capítulos do estudo, sendo destacado aquele em que o leitor se encontra em sua leitura. Na parte inferior aparecem os subitens do referido capítulo.

No meio impresso, as informações situadas nos quadros estão classificadas a partir de determinadas categorias, como explicamos a seguir, para que o leitor possa, mesmo sem abrir o CD-Rom, perceber a complexidade e o valor da linguagem hipertextual.

Os nomes de algumas partes da dissertação fazem analogias com a estrutura do meio digital. A *homepage* ou página inicial é o espaço que nos conduz às outras partes do *site*, portanto *home* significará sumário. Já as referências bibliográficas, a bibliografia e *sites* recomendados virão como *links*, ou seja, aberturas para outras leituras.

O código semântico dos quadros está disponibilizado da seguinte forma:

O texto principal ocupa a região central da página e as citações no interior do texto aparecem como qualquer outro texto acadêmico.

	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links

Os quadros são localizados na página através de um termo e uma seta que liga os dois.

Quando referirem-se a uma idéia não utilizaremos esse recurso.

Nas caixas com contorno tracejado, aparecem explicações, sobre termos, conceitos como ocorre em um glossário.

Nas caixas com contorno duplo sem preenchimento aparecem trechos de livros de autores ou artigos especialmente recomendados para a compreensão da idéia em questão.

Nas caixas com contorno simples negrito aparecem dados ou informações que provem da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo.

	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links

O PROBLEMA

Da Exclusão à Inclusão

“O essencial não é estandarizado, cada um recebe os elementos necessários à sua construção, e dispõe e escolhe o seu essencial. Entretanto, existem elementos essenciais que são comuns de toda a humanidade”.

Murilo M. Mendes

Na história da educação, teorias e práticas sociais de caráter segregativo sempre envolveram as pessoas com deficiência, as quais eram percebidas como “doentes” e “incapazes”. Essas teorias definiam também o tipo de atendimento educacional que seria organizado nas escolas, dificultando assim, a aceitação do diferente nos âmbitos educacional, familiar e social.

Segundo Mantoan (1998), Mazzotta (1996) e Sasaki (1997), a história da educação de pessoas com deficiência no Brasil, teve três grandes períodos.

O primeiro enfatizou o atendimento clínico especializado, correspondendo ao período de 1854 a 1956, em que, inspirado por experiências norte-americanas e europeias, o

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

atendimento às pessoas com deficiências físicas, mentais e sensoriais iniciou-se em grandes instituições especializadas.

Esse período é marcado por ações isoladas e iniciativas de caráter privado separadas das políticas públicas de educação.

Nesse tempo foram fundadas as **instituições** mais tradicionais de assistência às pessoas com deficiência no Brasil.

Algumas instituições, denominadas de escolas especiais, surgiram em regime de internato tendo como consequência, para a criança e para o adolescente com deficiência, o afastamento do convívio da família e da sociedade.

Essa tendência marcada pelo assistencialismo, pela visão segregativa e por uma segmentação das deficiências, reforçava os preconceitos em relação às pessoas que fugiam do chamado “padrão de normalidade”, isentando os sistemas educacionais da responsabilidade por essa clientela. Nesse tempo havia omissão e ausência de informações sobre esse alunado nos cursos de formação de professores em todos os seus níveis.

O segundo período vai de 1957 a 1993 e é definido por ações oficiais de âmbito nacional, com a criação das **“Campanhas”** destinadas ao atendimento de cada uma das deficiências.

Em 12 de setembro de 1854, D. Pedro II, através do Decreto Imperial nº1.428, fundou na cidade do Rio de Janeiro, o *Imperial Instituto dos Meninos Cegos*, mais tarde em 1891 passou a chamar-se Instituto Benjamin Constant –IBC, em homenagem ao ex-diretor Benjamin Constant Botelho de Magalhães. E em 1857, pela Lei nº 839 fundou-se também no Rio de Janeiro o *Imperial Instituto dos Surdos Mudo*, um século mais tarde, em 1957, passaria a denominar-se *Instituto Nacional de Educação de Surdos* –INES. Cf. Bueno, 1993,p.85.

Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro –CESB em 1957; Campanha Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes da Visão - CNEC, em 1958. Campanha Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes Mentais – CADEME, em 1960. Cf. Jannuzzi, 1999, p.186.

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilts da Colcha	Links
O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos		Revisão da Literatura

No início dos anos 60, a educação especial é instituída oficialmente com a denominação de “educação dos excepcionais”. Na década de 50 e mais fortemente nos anos 60, surgem movimentos de pais de crianças com deficiência e criam-se as primeiras escolas especiais e, mais tarde, as **classes especiais** dentro das escolas regulares.

No Brasil (1958), o decreto nº 31.136 regulamentou a criação de classes especiais e sua forma de provimento através da Lei nº 5.936/60.

A tendência do movimento de pais caminhou no sentido de associações especializadas com gestão própria, buscando parcerias com a sociedade civil e com o governo para o cumprimento de suas metas, sendo financiadas pelos poderes públicos municipal, estadual e federal.

A partir da década de 70, com a idéia de se aceitar nas escolas comuns crianças e adolescentes com deficiência, surge o movimento de integração escolar. Ele desponta na tentativa de diminuir os preconceitos e de integrar os alunos com deficiência e com **necessidades educacionais especiais** no ensino regular. Porém, exigia a adaptação desses alunos ao sistema escolar, excluindo totalmente aqueles que não conseguiam adaptar-se ou acompanhar os demais alunos no ensino regular.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial (MEC/SEESP, 1994), entende-se por criança portadora de necessidades especiais àquelas que apresentam em caráter permanente ou temporário algum tipo de deficiência: Física, sensorial (visual e auditiva), mental, múltipla, conduta típicas ou altas habilidades, necessitando por isso de recursos especializados para o desenvolvimento do seu potencial. No contexto escolar utiliza-se o termo: pessoas portadoras de necessidades educacionais especiais. Em nosso estudo utilizaremos o termo **crianças com deficiência**.

Para Sasaki (1997) o movimento mais amplo pela integração social era fundamentado pelo princípio de “normalização”, que implicava no processo de normalizar serviços e ambientes, ou seja, “criar para as pessoas atendidas em instituições ou

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilting da Colcha	Links
O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

segregadas de algum modo, ambientes o mais parecidos possíveis com aqueles vivenciados pela população em geral” (p. 32)

Avançando um pouco mais na tentativa de se integrar alunos com necessidades educacionais especiais e com deficiências no ensino regular, utilizou-se o termo **“mainstreaming”**, na maioria das vezes sem tradução, para designar o encaminhamento de alunos com deficiências aos serviços educacionais disponíveis na “corrente principal” da comunidade.

Nesse período os alunos com deficiência ingressavam nas escolas de ensino regular. Aqueles que acompanhavam a turma continuavam seguindo seus estudos, mas aqueles que não conseguiam, eram encaminhados às salas de recursos ou classes especiais permanecendo, na maioria das vezes, vários anos na mesma série. (Sasaki, 1997)

O terceiro período da história da educação especial no Brasil começou na segunda metade da década de 80, aflorou nos anos 90 e caminha pelo século XXI, caracterizado pelos movimentos em favor da inclusão. Nestes últimos tempos as pessoas com deficiência, elas mesmas, começam a se organizar, participando de comissões, fóruns e coordenações, para assegurar os direitos conquistados, o reconhecimento e o respeito às suas necessidades básicas de convívio com as demais pessoas.

Mazzotta (1996), afirma :

Reconhecer a importância da participação dos portadores de deficiência no planejamento e na execução dos serviços e recursos a eles destinados é sem dúvida um imperativo de uma sociedade que pretende ser democrática (p.65).

Se as pessoas com deficiência estão tendo “voz” no movimento em favor da inclusão e estão lutando pelos seus direitos, temos que garantir àquelas que ainda não podem se manifestar os mesmos direitos adquiridos.

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilts da Colcha	Links
O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

De fato, na infância são os pais das crianças com deficiência que optam pelo caminho educacional de seus filhos e os pais precisam não apenas acreditar nos benefícios trazidos pela inclusão, como também reconhecer que seus filhos têm direitos a ela.

Para Mantoan (1998) e Sasaki (1997), a inclusão propõe a modificação da sociedade como pré-requisito para que a pessoa com necessidades especiais avance no seu desenvolvimento e exerça a sua cidadania. O movimento em favor da inclusão rompe com o paradigma tradicional da educação escolar, buscando condições de aperfeiçoar o atendimento aos alunos em geral nas escolas e demais espaços educacionais.

Sabemos, que a matrícula de crianças com deficiência nas creches e pré-escolas do ensino regular é insignificante. O censo de 1999 (MEC/INEP/SEEC) constatou que das crianças com necessidades educacionais na faixa etária de atendimento da educação infantil, 35,7% estão matriculadas em escolas especializadas e 1,1% em escolas comuns.

Muitos profissionais da saúde e da educação ainda continuam orientando e encaminhando as crianças com deficiência para as instituições especializadas, a fim de receberem **“estimulação precoce”**. Com isso, os profissionais da educação infantil em geral, por não receberem habitualmente essas crianças nas creches e pré-escolas, acabam não reconhecendo os benefícios de uma educação verdadeiramente inclusiva.

Estimulação Precoce ou Estimulação essencial – conjunto organizado de estímulos e treinamentos adequados, oferecido nos primeiros anos de vida às crianças já identificadas como deficientes e àquelas de alto risco de modo a lhes garantir uma evolução tão normal quanto possível. Cf. Política Nacional de Educação Especial - MEC/SEESP-1994.

Os defensores da inclusão acreditam que em se tratando de crianças com deficiência, as instituições de educação infantil são espaços privilegiados onde a convivência com

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltra da Colcha	Links
O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

adultos e outras crianças de várias origens, costumes etnias, religiões, possibilitará o contato desde cedo com manifestações diferentes daquelas que a criança vivencia em sua família ou num ambiente segregativo, permitindo-lhe, assim, as primeiras percepções da diversidade humana.

A convivência em ambiente escolar entre crianças com deficiência com as demais crianças possibilita a estas a oportunidade de conhecer a vida humana com todas as suas dimensões e desafios. Para as crianças com deficiência, a escola é um espaço rico e desafiador, onde podem interagir com seus colegas, concorrendo para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Possibilitar às crianças em geral oportunidades de vivenciar o cotidiano escolar, construir e trocar saberes e valores, conhecendo-os e confrontando-os com as diferenças existentes entre as pessoas, auxiliam-nas futuramente a fazer escolhas responsáveis no decorrer das diferentes circunstâncias da vida. Em uma palavra, nos ambientes escolares inclusivos todos ganham no encontro com as diferenças.

[...] cada um de nós é uma pessoa única, isto é, todos somos diferentes, diversos em nosso próprio meio, seja este qual for. Provavelmente, o que marca, em última instância, a idiosincrasia da diferença é o modo como as pessoas estabelecem relações com seu contexto próximo, vivido de uma maneira global. Portanto assumir a diversidade supõe reconhecer o direito à diferença como um enriquecimento educativo e social (Imbernón, 2000, p. 82.)

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links
O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

Estamos a caminho da sociedade inclusiva, na qual pais e educadores em geral dedicam-se a formar cidadãos sensíveis e responsáveis pela qualidade de vida do semelhante, por mais diferente que ele seja.

Com base no quadro situacional acima descrito e buscando a melhor maneira de atingir o objetivo de garantir às crianças com deficiência de mais tenra idade o espaço educativo mais favorável possível ao seu desenvolvimento, é que propomos este estudo, situando-o no quadro atual da educação infantil.

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

O Contexto da Educação Infantil

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e destina-se a crianças de zero a seis anos. Ela não é obrigatória, porém um direito a que o Estado tem obrigação de atender.

As instituições que oferecem educação infantil, integrantes dos sistemas de ensino público, são as creches e as pré-escolas. Para estas, a clientela divide-se pelo critério exclusivo de faixa etária (zero a três anos na creche e quatro a seis anos na pré-escola).

As particularidades da faixa etária de zero a seis anos exigem que a educação infantil cumpra duas funções indissociáveis e complementares: cuidar e educar. Contemplar o cuidar na esfera da instituição de educação infantil significa compreendê-lo como parte integrante do educar.

Hoje, o atendimento à criança de zero a seis anos pode ser considerado não só como uma necessidade decorrente das condições de vida nos grandes centros urbanos, mas como uma realidade. As características da nossa sociedade têm imposto a necessidade de as crianças serem colocadas cada vez mais cedo, e num período maior de tempo, em instituições de educação infantil.

O atendimento educacional na faixa etária de zero a seis anos vem correspondendo, há alguns anos, às necessidades e modificações sociais próprias de nossa sociedade.

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

A inserção crescente das mulheres no mercado de trabalho, para garantia da sobrevivência da família em suas necessidades básicas ou na realização profissional enquanto indivíduo desencadeou a busca e a oferta por esse tipo de atendimento, tanto na rede pública como privada.

Para Oliveira (1992), a história das creches corresponde às modificações do papel da mulher na sociedade e suas repercussões no âmbito da família, em especial no que diz respeito à educação dos filhos. As modificações que vêm ocorrendo nas creches ao longo dos anos devem ser compreendidas dentro de um contexto sócio-político e cultural que inclui a expansão da industrialização e do setor de serviços, em escala crescente, decorrente da urbanização.

No Brasil, a educação da **criança pequena** fora do espaço doméstico e do convívio familiar, iniciou-se no final do século XIX a partir de diversos contextos de demandas, ora como forma de combate à pobreza, na perspectiva do Estado, ora como salário complementar, na perspectiva da família.

Empregarei o genérico "criança pequena" para referir a meninos e meninas com idade igual ou inferior a 7 anos.

Segundo Kishimoto (1986); Kuhlmann Júnior (1991); Oliveira (1995) duas concepções de serviços voltados para o atendimento infantil têm sido adotada em nosso país, referindo-se assim, a duas classes sociais distintas: a chamada "assistencial" para a criança pobre em instituições como as creches, salas de asilo e escolas

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

maternais, e a do tipo “educacional”, para a criança de classe média, nos **jardins de infância** e pré-escolas.

Froebel (1782-1852), discípulo de Pestalozzi, no quadro das influências teóricas e ideológicas do liberalismo e nacionalismo, propôs a criação de Kindergartens (jardins de infância) denominada instituída, nesta época, para designar instituições que atendiam crianças de 0 a 6 anos.

A este propósito, Oliveira (2000) assim se manifesta:

Assim, enquanto os filhos das camadas médias e dominantes eram vistos como necessitando um atendimento estimulador de seu desenvolvimento afetivo e cognitivo, às crianças mais pobres era proposto um cuidado mais voltado para a satisfação de necessidades de guarda, higiene e alimentação (p. 17).

Para Vieira (1999), a trajetória das creches e escolas maternais foi marcada pela tradição assistencial, destinada às crianças das famílias pobres. Segundo essa autora, em nosso país, enquanto modalidade de guarda diária de crianças pequenas, as creches surgiram para atender às necessidades do trabalho feminino industrial, respondendo assim a questões como o abandono, a desnutrição, a mortalidade infantil, a formação de hábitos higiênicos e a moralização das famílias operárias.

A concepção assistencialista de creche permeou a maioria das instituições de atendimento infantil conveniadas com **órgãos de bem estar social**, onde a preocupação educacional, quando existia, era secundária.

Em 1989, o Ministério do Interior reunia três órgãos que atuavam na área de atendimento infantil: Fundação Legião Brasileira de Assistência - LBA; a Fundação Nacional do Bem Estar do Menor - FUNABEM e a Secretaria Especial de Ação Comunitária - SEAC.

Segundo Oliveira (2000), a perspectiva política do atendimento assistencialista nas creches sofreu modificações:

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

Apenas quando segmentos da classe média foram procurar atendimento em creche para seus filhos é que esta instituição recebeu força de pressão suficiente para aprofundar a discussão de uma proposta verdadeiramente pedagógica, compromissada com o desenvolvimento total e com a construção de conhecimentos pela criança pequena (p. 18).

Os primeiros jardins-de-infância no Brasil, pioneiros das pré-escolas de hoje, foram criados a partir de modelos desenvolvidos em outros países e eram destinados a crianças de famílias mais abastadas, respondiam aos objetivos de socialização e à preparação da criança de quatro a seis anos para o ensino fundamental.(Kishimoto,1986)

Os jardins de infância ou escolas infantis originaram-se no âmbito público governamental com algumas iniciativas particulares. Sua expansão foi lenta e gradual até os anos 1970, apesar de um início de crescimento nos anos 1950 com a criação das classes de pré-primário, anexas aos estabelecimentos de ensino fundamental. (Vieira, 1999).

Referindo-se ao assunto, Campos et al (1995) afirmam:

Dessa forma, pode-se considerar que, na faixa de 0 a 6 anos de idade, consolidaram-se dois tipos de atendimento paralelos : o que se convencionou chamar de creche, de cunho mais assistencial e de cuidado, e a pré-escola, ligada ao sistema educacional e refletindo suas prioridades de caráter instrucional (p.104).

Nas décadas de 70 e 80, movimentos operários e feministas marcaram a luta pela democratização do país e pelo combate às desigualdades sociais. Esses movimentos

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

ampliaram o atendimento educacional infantil, em prol da democratização da escola pública brasileira.

No entanto, nessa época, a luta por creches pressupunha apenas o direito da mulher trabalhadora e não o entendimento do papel educacional da creche, ou seja, a creche era vista como espaço de cuidado, assistência e guarda e não como um espaço de educação.

A Constituição Brasileira de 1988 teve um papel decisivo na afirmação dos direitos da criança, pois ampliou o que a Consolidação das Leis Trabalhistas -CLT de 1942 já consagrava como direito das mulheres trabalhadoras à amamentação de seus filhos, legitimando o direito à educação da criança nos seus primeiros anos de vida.

Ao definir, como direito da criança de 0 a 6 anos de idade e dever do Estado, o atendimento em creche e pré-escola (Art. 208, inciso IV), a Constituição criou uma obrigação para o sistema educacional, pela qual teve que se equipar para dar respostas a esta nova responsabilidade .

Segundo Campos et al (1995):

A subordinação do atendimento em creches e pré-escolas à área de Educação representa, pelo menos no nível do texto constitucional, um grande passo na direção da superação do caráter assistencialista predominante nos programas voltados para essa faixa etária(p. 18).

Para Rosemberg (1995), a década de 90 anunciou uma nova etapa, marcada pela política de educação infantil difundida pelo MEC em 1993, através da Coordenação da

	Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão		Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

Educação Infantil -COEDI, a qual reafirmou e operacionalizou os preceitos da Constituição de 1988.

Passos significativos foram dados nos últimos dez anos para a garantia da consolidação do atendimento educacional das crianças na faixa etária de 0 a 6 anos, dentre eles o Estatuto da Criança e do Adolescente -ECA (1990,art. 54, IV), que integra a família como parceira da escola na definição de propostas pedagógicas.

A nova Lei de Diretrizes e Bases -LDB, Lei nº9394 de 1996, incorporou a educação infantil no primeiro nível da educação básica.

Inserida no sistema educacional, a educação infantil é desenvolvida em regime de colaboração nas diferentes instâncias União, Estados, Distrito Federal e Municípios.

Cabe à União a coordenação da Política Nacional de Educação e ao Município o oferecimento da educação infantil em creches e pré-escolas, mas ambas as instâncias mantendo como prioridade o ensino fundamental. Ao Município compete também baixar normas complementares às leis maiores, bem como autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos de seus sistemas de ensino, e aqueles mantidos por particulares.

Um dos **critérios de credenciamento** de instituições de educação infantil é a proporção criança /educador, sendo que essa proporção expressa uma medida e contribui para a avaliação da qualidade do atendimento que, por outro lado, acentua o alto custo desse serviço.

Em 1998 o MEC/SEF/COEDI editou o documento "Subsídios para Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil" que fornece parâmetros às Redes de Ensino Municipal.

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

Apesar de suas conquistas, a educação infantil ainda não é obrigatória e nem prioritária aos municípios, sendo considerada uma segunda prioridade educacional.

Segundo Nascimento (1999), alguns municípios privilegiaram a implantação ou aprimoramento da pré-escola e do ensino fundamental em detrimento da creche, que por suas características apresenta um custo elevado, dificultando, assim, a participação de verbas públicas na ampliação e manutenção desse atendimento.

No Brasil, existem hoje aproximadamente 25 milhões de crianças de zero à seis anos. Apesar da dificuldade de se obter dados precisos do atendimento infantil em instituições, estimam-se conforme o **IBGE** que 30% dessas crianças estão freqüentando instituições de educação infantil.

Dados da Folha de São Paulo de 02/07/2000, p. C1.

Observa-se uma diferença na distribuição geral do atendimento por faixa etária na creche e na pré-escola: 6,3 milhões de crianças brasileiras de zero a seis anos freqüentam essas instituições no Brasil.

Na faixa etária de zero a três anos somente 8,3% dessas crianças estão matriculadas em creches e 57% na faixa etária de quatro a seis anos estão matriculadas em pré-escolas. As crianças que têm mais acesso à educação infantil são as mais velhas e as pertencentes a famílias das zonas urbanas e com renda superior a **cinco salários mínimos**.

Dados do relatório "Situação da Infância Brasileira 2001"- UNICEF, Brasília- DF, 2001, p 37.

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

Se levarmos em conta as instituições de educação infantil que não estão cadastradas no MEC/SEF/COEDI, certamente a porcentagem de matrícula em creches e pré-escolas seria maior.

A nova LDB, promulgada em dezembro de 1996, faz referência à educação infantil quanto à finalidade deste atendimento, na seção II, Art. 29 do capítulo sobre a educação básica:

A Educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos: físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (p.16).

Houve um aumento significativo no atendimento em creches e pré-escolas nos últimos anos, refletindo uma tendência à universalização da educação infantil em contexto institucional. Reforça-se, portanto, a concepção de que a creche constitui um bem, uma conquista, um direito não só para o filho da mãe trabalhadora, mas uma instituição educacional potencialmente destinada a todas as crianças.

Por outro lado, ao reservar um capítulo exclusivo para a educação especial, a nova LDB reafirma o direito à educação pública e gratuita de crianças portadoras de necessidades especiais, como prediz no capítulo V -Art 58:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais
(p.23).

Embora esse oferecimento seja preferencialmente na rede regular de ensino, esperamos que todas as crianças possam ser atendidas nas creches e pré-escolas e não apenas algumas delas como sempre ocorreu. De fato, a Lei não define esse atendimento exclusivamente no ensino regular, como defendemos neste estudo.

A educação infantil através da nova LDB passou a ser oferecida em espaços educacionais com propostas de caráter pedagógico, entretanto a educação especial para crianças desse nível de ensino ainda mantém seu caráter clínico e segregativo, que já se evidencia nos programas de estimulação precoce.

Embora não haja dados precisos do número de crianças com deficiência na faixa etária de zero a seis anos no Brasil, estima-se que a população brasileira acometida de deficiência seja de 10% do total de habitantes e somente 1% delas recebe atendimento em instituições educacionais, (MEC/SEESP, 1994).

Dessa baixa porcentagem que recebe atendimento educacional, o maior número de crianças que compõe o grupo de alunos com deficiência nas escolas brasileiras está concentrado no ensino fundamental, onde estão 52,3% das matrículas.

Na educação infantil a distribuição se faz em 7,7% de matrículas para a creche e 17,9% para a **pré-escola**.

MEC/INEP/SEEC -
Matrículas da Educação Especial por modalidade e nível de ensino. Censo (1999). Dados preliminares.

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

Tendo em vista que são irrisórios os números de matrículas de alunos com deficiência na educação básica em geral, podemos avaliar o quanto é insignificante ainda o atendimento dessas crianças na educação infantil.

Para Sasaki (1997), a conquista do direito básico à escolarização, pré-requisito para o exercício da cidadania, requer um crescente esclarecimento e envolvimento da sociedade na inserção da criança com deficiência na escola, desde seus níveis iniciais.

Ao nosso ver, a inclusão dessas crianças não deve ser limitada apenas ao ensino fundamental, mas estender-se principalmente à educação infantil que, apesar da não obrigatoriedade, concorrerá para que a escola seja aberta às diferenças e atenda incondicionalmente a todas as crianças.

	Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão		Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos	Revisão da Literatura	

Formulação e Delimitação do Problema

Todos percebemos que a diferença é uma peculiaridade do ser humano e que temos de admiti-la para educar as crianças sem preconceitos e discriminações, numa visão verdadeiramente inclusiva.

Propostas educacionais que visam à formação de cidadãos dentro de uma sociedade que se pretende justa e democrática, precisam considerar não somente os erros anteriores, mas apontar alternativas que destaquem a formação das crianças como seres humanos.

No Relatório da **Comissão Internacional** sobre a Educação para o Século XXI, coordenado por Jacques Delors (2000) para a UNESCO, propõem-se quatro pilares para a educação contemporânea: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*. Em se tratando de crianças pequenas, na educação infantil, a construção do pilar: *aprender a ser*, nos faz buscar uma função mais ampla da escola, desde os seus níveis iniciais.

A Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI foi criada oficialmente no início de 1993, financiada pela UNESCO e presidida por Jacques Delors. Era composta de quatorze personalidades de todas as regiões do mundo, vindas de horizontes culturais e profissionais diversos, com o objetivo de analisar os problemas da educação no mundo e recomendar ações inovadoras, que foram descritas no documento denominado *Relatório Delors*.

Essa Comissão coloca em pauta o conceito de educação construído ao longo de toda a vida da pessoa, sendo que a educação nessa perspectiva é considerada como uma das

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil		Objetivos	Revisão da Literatura	

chaves de acesso ao século XXI em resposta ao desafio de um mundo em rápida transformação. O primeiro pilar refere que não basta acumular no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos que permanecerão indefinidamente. É preciso que a escola transmita às pessoas o impulso para aprendizagens futuras, o gosto e o prazer de aprender, ou seja, *aprender a conhecer*.

O segundo pilar: *aprender a fazer*, aponta a idéia de que ensinar os alunos a pôr em prática os seus conhecimentos é juntar o “saber” ao “saber fazer”, a fim de que esses alunos adquiram competências que os tornarão aptos a enfrentar numerosas situações e circunstâncias ao longo de suas vidas .

Segundo Delors (2000), um dos maiores desafios da educação neste novo século está no terceiro pilar: *aprender a viver juntos*, pois a descoberta do outro passa necessariamente pela descoberta de si mesmo. Somente quando nos colocamos na posição dos outros é possível compreendermos os seus sentimentos, suas reações, ajudando-os assim, a descobrirem-se a si mesmos.

O respeito pela diversidade e pela especificidade das pessoas constitui um princípio fundamental. Possibilitar o acesso à educação em contextos educacionais não excludentes de crianças com deficiência o mais cedo possível, proporcionará a elas a compreensão melhor de si mesmas e dos outros, e aos seus colegas uma experiência de convivência com as diferenças que precisa acontecer o mais cedo possível, para evitarmos que a criança aprenda o preconceito, participando assim, da obra coletiva e da vida na sociedade.

Segundo Delors (2000):

Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil		Objetivos	Revisão da Literatura	

A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta (p.97).

Nesse sentido, precisamos evitar e mesmo combater qualquer encaminhamento automático das crianças com deficiência aos atendimentos segregados de educação infantil.

Com isso queremos dizer que essas crianças devem ser matriculadas nas creches e pré-escolas, pois antes de tudo são seres em formação e não exclusivamente seres em habilitação /reabilitação.

O quarto pilar: *aprender a ser* designa à educação a tarefa de contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, proporcionando a todo ser humano, condições para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor. Esta tarefa da escola possibilita aos alunos aprender a escolher e a decidir por si mesmos como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Reafirmando, Delors (2000) defende que:

Mais do que nunca a educação parece ter como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamentos, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos de seu próprio destino (p. 100).

Acreditamos que o acesso das crianças com deficiência na educação infantil, mesmo não sendo considerada como uma etapa do ensino obrigatório, garantirá a elas o direito de

	Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil			Objetivos		Revisão da Literatura

serem crianças junto aos seus pares, não sendo mais consideradas pela sociedade como as “eternas crianças”.

O século XXI exigirá de todos nós autonomia e discernimento, juntamente com a responsabilidade pessoal de realizar um projeto coletivo de vida, não deixando de explorar nenhum dos talentos das pessoas que constituem segundo Delors: “*tesouros escondidos no interior de cada ser humano*” (p.98).

Para delimitarmos nosso estudo relataremos o percurso que nos levou a elaborarmos os objetivos dessa pesquisa.

No período de agosto de 1990 à dezembro de 1994, a Creche Área de Saúde - UNICAMP da qual fazemos parte como membro da equipe técnica, atendeu a uma criança com deficiência visual, desde o seu ingresso no berçário com a idade de sete meses até sua saída com quatro anos.

Esse tempo foi precioso para a equipe da Creche, não só pela aprendizagem que essa experiência nos proporcionou, como pela abertura de oportunidades para que outras crianças com deficiência possam usufruir o convívio com outras da mesma faixa etária na creche.

Os programas educativos da UNICAMP que atendem aos filhos dos servidores da Universidade, em especial as creches: Centro de Convivência Infantil (CECI) e Creche Área de Saúde (CAS), vêm atendendo um número irrisório de crianças com deficiência, desde a sua inauguração até a presente data.

Anualmente o CECI e a CAS -Unicamp atendem aproximadamente 530 crianças, dentre elas 6 são crianças com deficiência. Cf. dados de matrícula.

	Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil			Objetivos		Revisão da Literatura

Percebendo a pequena procura pelo atendimento nas creches por parte dessa clientela e acompanhando o desenvolvimento das crianças com deficiência nesse ambiente educativo, propusemos num primeiro momento, a realização de um levantamento do número dessas crianças, na faixa etária de zero a seis anos, filhos de servidores da Universidade Estadual de Campinas.

Esse levantamento, a princípio, teve como objetivo conhecer a demanda dessa clientela do ponto de vista quantitativo. Uma consulta prévia foi realizada com alguns órgãos da Universidade como o GAD Grupo de Apoio aos deficientes da UNICAMP e o DGRH Diretoria Geral de Recursos Humanos com o intuito de buscar orientações para efetivar o levantamento.

Presidente do GAD em exercício 2000-Maria Madalena Santos Silva – Assistente Social do HC -UNICAMP, cujo órgão realizou um levantamento semelhante em 1997.

Coordenador do DGRH em exercício 2000-Prof. Dr. Luis Carlos de Freitas.

As orientações recebidas caminharam no sentido de divulgar à comunidade universitária, um aviso sobre o propósito da pesquisa.

Nos meses de agosto, setembro e outubro de 2000, esse aviso foi veiculado pelos meios de comunicação de que a Universidade dispõe como o jornal “A Semana”, e-mails aos Assistentes Técnicos de Direção - ATDs, **holleriths** e boletins informativos aos servidores.(Anexo 1)

No mês de setembro de 2000, aproximadamente 3000 servidores da Universidade receberam em seus holleriths informações sobre esse levantamento.

Outro meio de comunicação utilizado consistiu em um comunicado às mães usuárias dos programas educativos da Unicamp. (Anexo 2)

	Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil			Objetivos		Revisão da Literatura

Os dados desse levantamento mostraram que o número de crianças com deficiência na faixa etária de zero a seis anos filhos de servidores da Universidade era pequeno. Somente cinco servidores deram retorno à solicitação e um deles não se enquadravam nos critérios.

O servidor da Universidade que possui ou não um filho com deficiência tinha a opção de não responder à solicitação de dados e, sendo assim, pelo número de casos coletados, acreditamos que a maioria dos servidores preferiu omitir-se, impossibilitando uma real visualização da situação dessa demanda. Porém, as crianças com deficiência foram chegando aos poucos à creche Área de Saúde - Unicamp, desde o ano de 1990 até hoje, em decorrência de trocas de informações e de vivências entre as mães que tiveram seus filhos atendidos na creche e perceberam que o atendimento em instituições como esta constitui um direito destinado a todas as crianças incondicionalmente.

Com a entrada dessas crianças na creche, onde atuamos como pedagoga, fomos percebendo algumas modificações no cotidiano da instituição. Num primeiro momento, verificamos mudanças na concepção que os nossos educadores tinham em relação às deficiências. Pensamos que elas surgiram da atuação diária desses profissionais com esses novos alunos e com os familiares destes.

Outras modificações foram surgindo na organização da creche para o atendimento dessas crianças. Diante desses fatos questionamo-nos sobre a entrada dessas crianças na Creche Área de Saúde da Unicamp. Elas teriam possibilitado uma transformação no projeto político pedagógico da instituição com vistas a uma educação de qualidade a todas as crianças? Ou essas transformações limitaram-se a adaptações momentâneas para atender às especificidades de cada uma dessas crianças?

	Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil			Objetivos	Revisão da Literatura	

OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivos pesquisar e conhecer os efeitos que a inclusão de crianças com deficiência causou na organização geral da Creche da Área de Saúde da Universidade Estadual de Campinas.

Queremos igualmente entender que outras situações desencadearam mudanças de condutas, sobre as deficiências em geral, entre os profissionais da creche e as famílias das crianças atendidas.

Pretendemos com este estudo aprimorar o atendimento oferecido a todas as crianças, em função do que conseguirmos retirar dos dados levantados.

Esperamos que os dados desta pesquisa tragam subsídios para a formação dos profissionais de creche e educadores em geral em questões relacionadas à inclusão de crianças com deficiência em instituições de educação infantil de ensino regular.

As perspectivas de aplicação deste estudo apontam para a expansão da demanda dessas crianças nas creches, propiciando aos seus pais ou familiares a oportunidade de optarem pelo atendimento educacional de seus filhos em instituições de ensino regular, desde os primeiros tempos educacionais.

O aumento do número de crianças com deficiência, atendidas em creches poderão provocar estudos relacionados aos efeitos do ambiente mais favorável ao desenvolvimento

	Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema			Revisão da Literatura	

construção de cidadania por parte de todas crianças e seus familiares ao aprenderem a compartilhar, cooperar e serem solidários, evitando-se assim o surgimento dos preconceitos tão comuns na nossa sociedade.

A originalidade deste estudo se encontra, portanto, no fato de ser uma investigação que se dedica à inclusão de crianças com deficiência nos ambientes regulares de ensino nos primórdios de sua formação.

Outro fato peculiar é que queremos conhecer a extensão do impacto da chegada dessas crianças sobre toda uma organização da creche e, que geralmente, os estudos sobre creches não abordam essa questão de modo tão amplo.

Do ponto de vista metodológico, nossa situação funcional de orientadora psicopedagógica da creche a ser investigada, permite-nos vivenciar e acompanhar o desenrolar das transformações que ocorrem nela. Possibilita-nos também, participar diretamente da trama de conhecimentos que é tecida no cotidiano de um ambiente escolar coletivo quando em contato com a diversidade humana.

	Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema			Revisão da Literatura	

Revisão da Literatura

“O homem é um ser individual, plural e coletivo. Daí nossa necessidade de comunicação”.

Murilo M. Mendes

Como já referimos, no Brasil a legislação vigente e as pesquisas na área de educação estão avançando na direção da inclusão de alunos com deficiência no ensino regular. Mas ainda são poucas as investigações sobre a inserção dessas crianças em creches.

Os estudos sobre a educação infantil vêm se ampliando nos últimos anos com enfoques que vão desde a formação dos profissionais que atuam nas instituições de educação infantil do ensino regular público e privado, à compreensão das brincadeiras das crianças e de suas formas de expressão. Há também pesquisas relacionadas à organização dos espaços de atendimento de crianças de zero a seis anos de idade.

Dentre as pesquisas na área de educação infantil sobre crianças de 4 a 6 anos de idade, destacamos os trabalhos pioneiros de Mantovani de Assis (1976,1979) que criou o Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental -PROEPRE expandido por todo o Brasil.

	Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos		

Pesquisadores como Campos (1994), Faria (1995,1999), Kramer (1984,1993), Kishimoto (1996), Nascimento (1999), Oliveira (1988,1995) e Rosemberg (1989, 1994), atuam no Brasil, desde os anos 70, na discussão e reflexão de políticas de atendimento educacional de crianças de zero a seis anos de idade, bem como de vários temas relacionados à educação infantil.

Em relação às creches, ou seja, à educação de crianças de zero a três anos de idade, a produção acadêmica é recente. De acordo com a base de dados do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia –IBICT, encontramos 44 dissertações de mestrado, 16 teses de doutorado e 2 teses de livre docência (Mejias,1992 e Gera,1994). Ao todo são 62 trabalhos, sendo que quatro deles foram defendidos na década de 80 e os demais na década de 90.

Nesses estudos, as áreas abordadas vão desde saúde pública, nutrição, enfermagem, medicina, psicologia social, psicologia do desenvolvimento humano, psicologia do ensino e aprendizagem às áreas de educação, administração e políticas públicas relacionadas às creches. Porém, não encontramos estudos voltados para a inclusão de crianças com deficiência no ambiente de creche.

Refinando um pouco mais este levantamento bibliográfico, encontramos Strenzel (2000), que investigou a produção científica sobre a educação de crianças menores de três anos. Esta autora apontou que a maioria da produção acadêmica está voltada para o desenvolvimento de práticas pedagógicas no interior das creches. O estudo teve como base

	Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos		

de dados o CD Rom organizado pela Anped, com os resumos das teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidas no Brasil entre os anos 1983 e 1998.

Strenzel (2000), encontrou um total de 14 trabalhos, sendo 13 dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, todos produzidos da década de 90 e os agrupou a partir do tipo de contribuição que apresentavam. Para essa autora, estes estudos marcam o nascimento de uma Pedagogia da educação infantil, com orientações teórico -práticas que norteariam a educação de crianças menores de três anos, em creches.

Ampliando o entendimento dos processos de constituição da infância, encontramos em Martinez (1998) e Duarte (1997), reflexões sobre a **inserção** das crianças menores de três anos nos espaços coletivos como a creche.

O termo “inserção” é utilizado nas pesquisas apresentadas na área de educação infantil como alternativa ao termo “adaptação”.

Segundo levantamento bibliográfico compilado por Sasaki, até o ano de 1999, do total de 291 pesquisas que versaram sobre o processo de inserção escolar de crianças com deficiência, seis referem-se à educação infantil em geral e duas são específicas à creche: Piccinini e Marquezine(1998) e Regen (1998).

O campo de investigação é, portanto, bastante novo, pois a tendência à inserção dessas crianças nas escolas e creches é recente. A principal referência encontrada foi em Regen (1998), que abordou a inclusão em creches. Trata-se de uma iniciativa de “inclusão ao inverso”, muito combatida, porque é a minoria (no caso as crianças com deficiência) que se inclui na maioria!

	Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos		

Os demais estudos vieram de autores que desenvolveram suas pesquisas em redes de educação infantil municipal, abordando apenas a especificidade da deficiência em situações de ensino especial, sem nenhuma preocupação com a inclusão.

Embora haja um interesse crescente por estudos sobre inclusão escolar, verificamos que as pesquisas que se dedicam à inclusão de crianças com deficiência em creches e, em particular, nas creches das Universidades públicas, são inexistentes.

Foram significativos para a compreensão histórica da educação da pessoa deficiente no Brasil os trabalhos de Mazzotta (1996), Sasaki (1997), Mantoan (1998) e Jannuzzi (1999). Mas, nenhum deles se aplica exclusivamente a creches e ao trabalho educativo, em instituições públicas e privadas de educação infantil.

Investigações sobre o papel que as creches universitárias exercem na formação dos profissionais, na produção e na divulgação do conhecimento recente no campo da educação infantil no Brasil, encontram em Melo (1999) e Rocha (1999), referências ao papel dessas creches indo além do atendimento à criança, mas reconhecendo-as como um espaço de ensino, pesquisa e extensão.

	Sobre a Tese	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil	Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos		

	Sobre a Tese		Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
Da exclusão à Inclusão	O Contexto da Educação Infantil		Formulação e Delimitação do Problema		Objetivos		

Este conceito estendeu-se à área de educação, privilegiando uma forma de pensamento fragmentado, reduzido e desconectado do contexto. No âmbito da escola, fragmentou-se a informação a ser aprendida pelo aprendiz em partes distintas que poderiam ser memorizadas ou não. Depois, era só testar o aprendiz, para averiguar se as partes tinham sido bem aprendidas.(Kincheloe,1997)

Morin (2000), complementa o assunto quando refere que:

O princípio de redução leva naturalmente a restringir o complexo ao simples. Assim aplica as complexidades vivas e humanas à lógica mecânica e determinista da máquina artificial. Pode também cegar e conduzir a excluir tudo aquilo que não seja quantificável e mensurável, eliminando, dessa forma, o elemento humano, isto é, paixões, emoções, dores e alegrias. Da mesma forma, quando obedece ao postulado determinista, o princípio de redução oculta o imprevisto, o novo e a invenção (p.42).

A educação nos ensinou a separar os saberes; aprendemos a compartimentar e a isolar os conhecimentos, buscando a explicação do todo por meio da constituição de suas partes, o que torna difícil a sua contextualização com a realidade.

O mesmo autor salienta:

O todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas umas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo (Morin, 2000 p.37).

	Sobre a Tese	O Problema		Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links

Ao passarmos da metáfora mecânica do relógio à ciência da complexidade emergimos em uma cultura de interações dinâmicas com profundas transformações.

Segundo Morin (1996), a complexidade surge onde quer que se produza um emaranhamento de ações, de interações e retroações, pois nada está isolado no universo e tudo está em relação. Para esse autor, a complexidade aparece, também, quando há simultaneamente dificuldades empíricas que agregam incertezas ao pensamento.

Na linguagem coloquial, a palavra *complexo* é usada com freqüência em expressões: a situação é complexa, o problema é complexo, que nos dão a idéia de caos, desordem, obscuridade, sendo o oposto do que a palavra, por sua etimologia, quer dizer:

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e o seu contexto, as partes e o todo e as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (Morin, 1996 p.38).

Nenhum fenômeno pesquisado é simples. A complexidade aparece à primeira vista como irracionalidade, incerteza, confusão e desordem, mas precisa ser entendida mais como uma noção lógica do que uma noção quantitativa.

Assim sendo Morin (1999), define pensamento complexo afirmando ser:

[...] um modo de pensamento capaz de respeitar a multidimensionalidade, a riqueza, o mistério do real; e de saber que as

	Sobre a Tese	O Problema		Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links

determinações – cerebral, cultural, social, histórica que se impõem a todo pensamento co-determinam sempre o objeto de conhecimento(p.24).

Para esse autor, portanto, o pensamento complexo é local, situado em um tempo e em um espaço, mas não é um pensamento fechado, pois pressupõe que há incertezas e incompletude.

Sabemos que o cotidiano de uma creche é complexo, exigindo ações complexas e um pensar complexo para entendê-lo.

De fato, nas escolas de educação infantil, as crianças se defrontam com um ambiente diferente daquele onde vivem com seus familiares e as ações que são tecidas no encontro cotidiano de adultos e crianças da mesma idade envolvem uma rede de relações e interações igualmente complexa.

Nossa visão habitual, unidimensional, tende a deformar nossa perspectiva de mundo. Ao adotarmos o pensamento complexo vamos tratar o “mundo real” tal qual ele é, uno, indivisível, em que tudo é parte de tudo. Tudo depende de tudo.

As generalizações e dados estatísticos da ciência clássica surgiram de realidades observadas por uma ou mais pessoas entre as quais se extraiu, escolheu e selecionou àquelas que eram similares abdicando, assim, da pluralidade, da diversidade e da complexidade da realidade concreta.

Inegável é a contribuição destes estudos e dos conceitos que deles emergiram, porém, se as formulações lógicas a respeito da estrutura da realidade são adequadas para detectar elementos similares e permanentes dessas realidades, não o são quando buscamos entender

	Sobre a Tese	O Problema		Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links

Dada a variabilidade dos acontecimentos a abordar na dinâmica do cotidiano escolar, especialmente com a entrada das crianças com deficiência nas suas turmas, ao relatarmos em nosso estudo, uma determinada situação em que o pesquisador torna-se um praticante na vida cotidiana da instituição, evidenciaremos o fato *“de que cada acontecimento é uma aplicação singular do quadro formal”*, como nos diz Certeau (1994, p.84).

Para Alves & Oliveira (1998), nesses relatos ou histórias, *“[...] estão presentes regras e lances, que são memorizados como repertórios de esquemas de ação que ensinam táticas possíveis em um sistema social dado.”*

Como no exemplo dos jogos:

Relatar partidas, explicar lances, contar histórias (do tipo contos e lendas)- ações presentes nas chamadas culturas populares em quase todo o mundo- é, portanto uma atividade estratégica do povo, na medida em que fornecem um possível de táticas para o futuro (p.8)

As “maneiras de dizer” das práticas cotidianas escolares permitem aos que ouvem e lêem ampliar a compreensão de práticas não apenas singulares e heterogêneas, mas como um conjunto de ações e de maneiras de estar/fazer e que se produz seguindo uma lógica que é própria de cada instituição, principalmente àquela relacionada à infância.

Nas últimas décadas, o avanço de algumas áreas do conhecimento como a Medicina, a Biologia e a Psicologia, bem como as produções científicas das Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia, Pedagogia e outras), desencadearam importantes modificações na forma de se compreender a infância.

	Sobre a Tese	O Problema		Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links

Com esses avanços, a criança passou a ter uma importância diferente de outros tempos; ela passou a ser descrita e estudada cientificamente. A idéia de sujeito em formação e de como é vivida a experiência da infância, apresentada em trabalhos científicos possibilitaram aos pais e/ou responsáveis fazer escolhas na maneira de conduzir a educação das crianças.

Atualmente, a experiência na educação de crianças pequenas é compartilhada não somente pela família e pelas instituições educativas, mas também pela sociedade. É certo que a responsabilidade pela entrada da criança no universo sócio-cultural tem envolvido cada vez mais outras pessoas e instituições além do âmbito familiar.

No entanto, segundo Bujes (2001):

Ao considerarmos que vivemos em contextos culturais e históricos em permanente transformação podemos incluir aí também, a idéia de que as crianças participam igualmente desta transformação e, neste processo, acabam também transformadas pelas experiências que vivem neste mundo extremamente dinâmico (p 2.).

Ao nos darmos conta de que algumas das experiências que ocorrem ao longo da infância são importantes e que muitas delas não se repetirão, torna-se relevante defender o direito da criança à vive-la, principalmente aquela com deficiência, a quem esse direito tem sido muito negado.

	Sobre a Tese	O Problema		Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links

Elas têm direito de viver experiências prazerosas, desafiadoras nas quais possam expressar todas as suas potencialidades e em um **ambiente o mais favorável possível**, para construir conhecimentos e adquirir habilidades, que é o meio que as desequilibra e provoca.

No entanto, alguns educadores ainda defendem, para as crianças com deficiência, o atendimento educacional em um **ambiente menos restritivo possível**. Tais ambientes são caracterizados por serviços individualizados que visam superar as dificuldades de adaptação dessas crianças, causadas por incapacidades de todo tipo e graus de comprometimento físico, social, cognitivo, cultural e afetivo, ou seja, para evoluir como as demais, as crianças com deficiência teriam que ser atendidas à parte, desde tenra idade, para posteriormente serem integradas à comunidade.

Para Mantoan (in Regen,1998)

O meio menos restritivo possível está centrado na criança com problemas de adaptação e visa restringir ao máximo os desafios que ela tem de enfrentar para se ajustar às exigências dos espaços educativos. Já o meio mais favorável possível visa aperfeiçoar os atendimentos e programas educativos, de modo que não precisem ser individualizados, mas possam atender e beneficiar a todas as crianças (p.3).

Atualmente a busca do **ambiente mais favorável possível** e aberto às diferenças, que potencializa o desenvolvimento de todas as crianças, tem mobilizado pais e educadores.

Sobre a Tese	O Problema		Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links

resistências estão relacionadas a aspectos de formação e de identidade profissional dos professores, a mudanças estruturais na escola, principalmente a uma mudança de atitude face ao Outro.

Este Outro, segundo Mantoan (2001) :

[...] não é mais um, um individuo qualquer, com o qual topamos simplesmente na nossa existência e com o qual convivemos um certo tempo, maior ou menor de nossas vidas. O outro, é alguém que é essencial para a nossa constituição como pessoa e dessa alteridade é que subsistimos, e é dela que emana a justiça, a garantia da vida compartilhada (p3).

O simples fato de colocarmos crianças com deficiência ou não lado a lado garante por si a manifestação de interações e formas de cooperação positivas, podendo mesmo ocorrer atitudes relacionais negativas.

São elementos importantes de uma educação de qualidade para todos os relacionamentos e interações sociais. Assim, como as demais crianças, aquelas com deficiência também precisam participar da vida social e comunitária das escolas de todos os níveis de ensino.

No universo escolar a prática da inclusão, independentemente do talento, da deficiência, da origem sócio-econômica e/ou cultural dos alunos, possibilita mudanças que, certamente, caminharam para um ensino de qualidade para todos.

Um dos princípios fundamentais de uma escola de qualidade para todos é que a aprendizagem se dê junto, não importando quais dificuldades ou diferenças as crianças

Sobre a Tese	O Problema		Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links

apresentem. Para Mantoan (2001), todos aprendem no encontro com às diferenças, adultos e crianças.

Segundo Zuin (2001)

A escola será então um tempo e um espaço, físico simbólico, de construção do desenvolvimento humano, de construção de liberdade e autonomia, um espaço e um tempo de dignidade, de solidariedade, de respeito por si próprio, pelos outros, pela aprendizagem e pelo envolvimento” (p.13)

Portanto, a oportunidade de as crianças aprenderem umas com as outras, nas escolas, o convívio com as diferenças, possibilitam a redução do estigma vivido pelas crianças com deficiência e é, ao mesmo tempo, um benefício para todas as demais.

	Sobre a Tese	O Problema		Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links

PERCURSO METODOLÓGICO

“A vida não é apenas um campo de observação e experiência técnica: é também um campo de improvisação, de fenômenos, prazeres e sensações antipráticos, de inesperadas metamorfoses e de audácia espiritual”

Murilo M. Mendes

A ciência ocidental apoia-se, ainda, em modelos explicativos racionais/técnicos em que o método experimental organiza em totalidades as explicações sobre o mundo. Através desses modelos a realidade é compreendida por meio de argumentos racionais, objetivos, provocando uma separação entre teoria e prática, entre ação e pensamento.

Para Najmanovich (2001),

A partir do olhar Newtoniano, conhecimento/ emoção/ ação são esferas que não se comunicam, porque absolutamente autônomas. Impôs-se socialmente uma confiança ilimitada nos poderes da razão na qual a ciência impulsionaria o progresso permanente se os seres humanos se mostrassem capazes de dominar seus sentimentos e disciplinar o seu agir através dos ditados da razão (p.83)

Nesse modelo de interpretação da realidade cartesiano / racionalista, conhecer, significa separar as partes, identificá-las, quantificá-las e classificá-las, de acordo com o

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
A Creche	Um Dia na Creche						

que se deseja construir, instaurando um estilo de trabalho narrativo impessoal, generalizante e desprovido de vida.

A ciência da modernidade foi construída a partir do pressuposto de uma exterioridade e independência entre o objeto e o sujeito. O objeto era considerado como uma abstração matemática, ou seja, um conjunto de propriedades mensuráveis e depois moldáveis. Sendo que os únicos modelos matemáticos que a ciência clássica aceitava eram os lineares.

O sujeito da modernidade não afeta nem é afetado por aquilo que conhece; como um espelho ele reflete uma imagem da natureza externa, independente do objeto. Conhecer é definir, descrever e prever. O sujeito é considerado neutro e exterior ao objeto.

A objetividade proposta pela ciência da modernidade pressupõe a capacidade de abstração dos sujeitos a ponto de negarem a sua corporalidade, a sua subjetividade, sua ação no mundo e os vínculos que estabelece como elementos que influenciam o seu conhecimento de mundo.

A esse conhecimento objetivo de mundo nos remete Najmanovich (2001) a:

[...] um mundo muito afastado da experiência humana, inventado por um sujeito que se considera “observador neutro”. Um universo surgido dos “modelos ideais” e depois “confirmado” por essa forma peculiar de relação com a natureza chamada método experimental (p.18)

A ciência moderna, não considerando a subjetividade como algo digno de ser levado em conta gerou um estilo narrativo também neutro, em terceira pessoa genérica e incorpórea.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
A Creche	Um Dia na Creche						

Para a Ciência da Educação, novas abordagens de investigação, que levam em conta a heterogeneidade de contextos, circunstâncias e condições de existência do homem no mundo, correspondem a um salto qualitativo, manifestado sobretudo na segunda metade do século XX.

Segundo Ferraço (1998), as relações que o homem estabelece entre conhecimento, ação, valores e emoção representam a expressão de múltiplas interações de uma rede complexa de representações e significados que ele assume, ou seja: *“numa rede de relações múltiplas, nada pode ser definido de maneira absolutamente independente. Os elementos são sempre considerados em suas relações (p.3).*

Pois, o mundo que conhecemos não é um mundo independente de nosso conhecimento, mas um mundo co-criado em nossa interação com o ambiente, sendo que a partir dessa perspectiva sujeito e objeto se definem mutuamente.

Para Najmanovich (2001) *“não é simples dar lugar a novas metáforas para poder abrir nosso espaço cognitivo a novas narrações”*. O ponto de partida, para essa autora, está no reconhecimento da corporalidade do sujeito, como *“sujeito encarnado”*.

Quatro conseqüências se instauram nesse reconhecimento;

A primeira pressupõe que o sujeito não é neutro, pois ao participar de uma dinâmica criativa de si mesmo e do mundo com que ele está em permanente intercâmbio há um comprometimento do sujeito na co-evolução desse ambiente.

A segunda pressupõe que todo conhecimento humano se dá de uma perspectiva determinada, ou seja, de um lugar específico de enunciação. Por não estar em todos os

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links
A Creche	Um Dia na Creche						

ambientes ao mesmo tempo, o “sujeito encarnado” só pode conhecer um contexto específico, ou seja, a partir de um só ponto de vista de cada vez e seu conhecimento se estrutura em uma linguagem determinada.

A terceira consequência se refere ao fato de que não é possível conhecer o objeto independente do sujeito, sem relação alguma entre eles. A partir dessa ótica, o conhecimento implica interação, relação, transformação mútua, co-dependência e co-evolução. Podemos até dizer que vemos o mundo não como ele é, mas como nós somos.

Segundo Najmanovich (2001), a quarta consequência implica no aparecimento de uma zona cega que não podemos ver:

Pois, uma descrição dinâmica permitiria um olhar multiperspectivista. Mas a diversidade de enfoques é limitada por nossa corporalidade, ou seja, podemos compor um “imaginário” mais complexo, que inclua diferentes fontes de informação, mas nunca infinitas fontes. Só podemos conhecer o que somos capazes de perceber e processar com nosso corpo. O sujeito encarnado paga com a incompletude, a possibilidade de conhecer (p.23)

Nesse enfoque teremos que levar em conta, não só que estamos vendo as coisas de certa perspectiva, mas também que filtramos a informação visual ao focalizar a atenção em certos aspectos. Pois, ao estarmos inter-relacionados com o nosso objeto de conhecimento, a forma peculiar de expressar essa interação estaria na abertura a um diálogo emocionado que não negue a complexidade e o conflito, mas que reconheça a diferença como uma via para a evolução.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
A Creche	Um Dia na Creche						

A complexidade das redes de ações, representações e saberes tecidos e compartilhados no cotidiano de uma instituição de educação infantil, como é o caso da Creche onde atuamos, impulsionou-nos a buscar outras formas de organizar dados que possam nos ajudar a compreendê-la em suas especificidades locais e individuais.

Para Ferraço (2001), “no cotidiano, só conhecemos nossas próprias criações pois, em essência, somos nosso próprio objeto de estudo. Aprendemos do cotidiano o que nele introduzimos” (p 91).

Dentre as várias formas que configuram uma pesquisa qualitativa escolhemos a pesquisa no/do cotidiano, não só pela oportunidade de lançar um olhar diferente sobre os mais diversos aspectos do cotidiano de uma instituição de educação infantil, mas pela possibilidade de “mergulhar” com todos os sentidos no que desejamos estudar.

Para Alves (2001), tal perspectiva metodológica exige do pesquisador que se ponha a *sentir o mundo* e não só a olhá-lo, soberbamente, do alto ou distante.

Todos nós vivemos e produzimos, diariamente, conhecimentos no cotidiano, mas apesar disso “é preciso ter claro de que não há outra maneira de se compreender as tantas lógicas do cotidiano senão sabendo que estamos inteiramente mergulhados nela” (p.16).

Realizar uma investigação do cotidiano da creche com o objetivo de perceber, nesse espaço/tempo educacional, os efeitos que a inclusão de crianças com deficiência causou na organização geral da creche, não parece ser uma trajetória fácil.

De acordo com Alves (2001), assim como a vida, o cotidiano é um objeto de estudo complexo, que exige também métodos complexos para conhecê-lo. Para esta autora há

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links
A Creche	Um Dia na Creche						

quatro “movimentos” que dão início à percepção da complexidade da pesquisa no/do cotidiano.

O primeiro movimento caminha no sentido de estarmos dispostos a ver além daquilo que os outros já viram, e que sejamos capazes de “mergulhar” inteiramente numa dada realidade, buscando referências de sons, gostos, cheiros e todo e qualquer elemento que nos indique mudanças e rotinas, a fim de compreendermos como elas ocorreram.

Em uma palavra, para apreender a realidade do cotidiano escolar, segundo esta mesma autora, é preciso estar atento a tudo o que se passa nele, quais as suas crenças, o que se repete, se cria e se inova nesse ambiente.

A investigação no/do cotidiano exige que o pesquisador não somente faça parte dele, mas que mantenha um olhar diferenciado e tenha sensibilidade para apreender a diversidade.

O segundo movimento implica em compreender que trabalhar com o cotidiano e com as redes de conhecimento que se tecem nele significa dispor de vários referenciais teóricos, utilizando-os não somente como apoio, mas como limite. Pois, cada teoria nos possibilitará caminhar até um certo ponto. É necessário, então, estabelecer redes de múltiplas e complexas relações entre essas várias teorias, traçando analogias que melhor permitam compreender o cotidiano estudado.

O terceiro movimento envolve a necessidade de incorporar aos estudos a noção de complexidade, que amplia a discussão sobre os modos de lidar com a diversidade e o heterogêneo, partes integrantes do cotidiano escolar. É necessário enfim, olhar/ver/sentir as

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
A Creche	Um Dia na Creche						

diferentes expressões surgidas nas inúmeras ações das pessoas e pensar em diferentes formas de captá-las.

O quarto movimento refere-se à necessidade de uma outra escrita que expresse as múltiplas linguagens e transmita o que é apreendido da realidade. Trata-se do que Alves (2001) quer dizer com “[...] narrar a vida e literaturizar a ciência”.

O Cenário do Estudo

O cenário em que estaremos “mergulhados” é uma creche pública inserida em uma Universidade Estadual. A Creche “Área de Saúde” –CAS, que se situa no *campus* da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, à rua Carlos Chagas, 351.

A Trilha do Trabalho

Percorreremos neste estudo o cotidiano de quatro crianças, duas delas com deficiência, uma criança que apresenta dificuldades na aprendizagem e outra que requer cuidados alimentares especiais. Vamos discorrer sobre como está estruturada a rotina delas, desde a chegada no ano de 2000 até a saída da creche em dezembro de 2002.

Os procedimentos que se instauram no espaço/tempo do trabalho na Creche, as redes de relações que são tecidas nessa realidade e a interação entre os vários adultos e as crianças possibilitaram apreender as transformações que a presença dessas quatro crianças trouxeram à Creche.

Esses procedimentos são descritos através de relatos de situações vivenciadas por diversos protagonistas.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
A Creche	Um Dia na Creche						

Procuramos discorrer sobre os aspectos que implicam hoje na possibilidade de receber e trabalhar com crianças com deficiência em uma instituição de educação infantil como a Creche, em que atuamos.

Nossos Instrumentos de Pesquisa

Nesta investigação combinamos vários instrumentos de coleta tais como: análise documental, observação, relatos orais e relatos escritos, aliados a um “olhar” diferente, que nos auxiliarão no processo de construção do conhecimento da situação pesquisada.

Na análise documental, buscamos conhecer a trajetória histórica da Creche:

- Como foi construída, seus objetivos gerais e específicos
- Sua dinâmica organizacional, as estruturas de poder e de decisão, os níveis de participação de seus agentes, a disponibilidade de recursos humanos e materiais;
- O trabalho pedagógico desenvolvido, e toda a rede de relações que se forma e que transforma o acontecer diário da Creche.

Na observação procuramos apreender o movimento do cotidiano “em todas as minúcias”, Certeau (1994), sem privilegiar qualquer dia da semana, nem qualquer horário ou atividade especial. Os mais variados espaços (salão, pátio, administração, quartos) e tempos do cotidiano (na entrada e saída do turno), foram focos do pesquisador.

As histórias de vida relatadas pelos atores envolvidos no estudo, são retiradas de diversos momentos ao longo de três anos. Os dados foram colhidos como fios a serem

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
A Creche	Um Dia na Creche						

tecidos. Eles surgiram em reuniões técnicas, grupos de mães e, principalmente, em conversas informais, pois, segundo Certeau (1994):

A arte de conversar, as retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras de situações da palavra, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém (p.50).

O narrar a vida ou “*literaturizar a ciência*”, segundo Alves (2001) estão nos *Retalhos do Cotidiano*. Relatos que apresentam a rede de interações vivenciadas no dia a dia da creche.

Acreditamos assim, estar cumprindo as exigências da investigação no/do cotidiano sendo que tal método de abordagem não tem passos formais como o método newtoniano-cartesiano, mas possui exigências, tão rigorosas quanto este último.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
A Creche		Um Dia na Creche					

A CRECHE

A Universidade Estadual de Campinas – Unicamp é uma instituição pública de ensino superior de importante patrimônio social. Situa-se na cidade de Campinas, distante aproximadamente 100 Km de São Paulo (capital-SP), e está dividida em três *campi*: Campinas, Limeira e Piracicaba, preservando a integração de suas diversas áreas de atuação.

Em sua universalidade e diversificação a Unicamp é vista como instância privilegiada na difusão da experiência cultural e científica da nossa sociedade, oferecendo um ensino de qualidade, desenvolvendo pesquisas e tecnologias de ponta.

Ao longo de sua história, a Unicamp manteve cinco creches em seus *campi*, que atendem aos filhos de seus servidores, duas das quais já encerraram suas atividades: Comunidade Infantil Cantinho da Física –CICF/Campinas, que funcionou de 1983 a 1986, e o Centro de Convivência Infantil de Limeira – CECI/Limeira, que iniciou suas atividades em 1982, e encerrou-as em 1995 .

Atualmente, a Unicamp conta com três creches em funcionamento: Centro de Convivência Infantil – CECI/ Piracicaba- desde 1982; o Centro de Convivência Infantil – CECI/Campinas- desde 1982 e a Creche Área de Saúde – CAS /Campinas- desde 1990.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche						

Fagundes (1997) considera a implantação de duas das creches da Unicamp: CICF e CECI/Campinas, como frutos de um amplo processo de luta e conquista dos trabalhadores da Universidade, no contexto sócio-político da sociedade brasileira, que vivenciava o regime militar.

A organização interna da Unicamp, na década de 70, refletia as características da ditadura militar, uma vez que os órgãos colegiados e o Reitor eram escolhidos de maneira indireta pelo Governador do Estado de São Paulo.

O final da década de 70 foi marcado pela reorganização das entidades de representação da Universidade, época em que os docentes se congregaram na Associação dos Docentes -Adunicamp e os servidores, na Associação dos Servidores -Assuc. Dentre as reivindicações dessas categorias estava a implantação de creches e a melhoria das condições de trabalho de todos. (Lima, 1989 e Meneghel, 1991)

Segundo Fagundes (1997), a primeira manifestação oficial em favor da instalação de creches na Unicamp está registrada no processo administrativo nº 3384 de junho de 1975. Um ofício da Coordenadoria de Assistência Social reuniu alguns argumentos em favor da instalação de creches na Unicamp, juntamente com um levantamento da demanda.

Esse levantamento forneceu informações referentes ao número de interessados e às características da clientela, sendo que o maior número de crianças eram filhos de servidores, seguidos dos filhos docentes e de alunos, perfazendo um total de aproximadamente 282 beneficiários.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche					

Apesar da grande demanda, a implantação não foi imediata. O movimento em favor da creche continuou e se intensificou, quando um grupo de mães denominado Comissão de Senhoras da Unicamp escreveu um manifesto sobre a necessidade de instalação de creches na Universidade e o entregou à administração da Unicamp juntamente com uma cópia da Portaria nº 1 do Departamento Nacional de Segurança e Higiene no trabalho –DNSHT de 1969, que dispunha sobre “*a obrigatoriedade de instalação de lugar apropriado para guarda e cuidado dos filhos das empregadas*”.

Em 1982, durante a gestão do Reitor Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti, a primeira creche foi implantada, atendendo apenas a 10% da demanda. O critério de seleção para o atendimento da criança era ser filho (a) de mãe servidora da Universidade e estar em fase de amamentação.

A primeira creche atendia crianças até nove meses de idade, durante o período de amamentação.

Na década de 80, havia um grupo de mães servidoras, hoje denominado Grupo de Apoio ao Deficiente - GAD, que reivindicava atendimento especializado para seus filhos (as) com deficiência. Porém, o número dessas crianças não era expressivo e as mães não foram atendidas em suas reivindicações.

Para Fagundes (1997), uma das particularidades das creches da Unicamp está no fato de que a luta por esse equipamento não se encerrou na conquista desta primeira creche, mas houve um constante movimento por expansão de vagas e por ampliação do atendimento a outras faixas etárias de crianças.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche				

A implantação da Creche Área de Saúde - CAS ocorreu em um **curto prazo de tempo**, em decorrência de um movimento conjunto de funcionários do Hospital de Clínicas – HC, que mudou-se do centro da cidade de Campinas para o *campus* de Barão Geraldo, e dos Administradores da Unicamp a fim de cumprir suas **obrigações** com os funcionários.

Dados recolhidos da entrevista fornecida à aluna da FE - Unicamp: Cristina Dohi para o seu TCC, pela ex-diretora da CAS Sra. Ryoko Tsuda Bellentani que acompanhou todo o processo de implantação desta creche até o ano de 1999.

O objetivo de construir uma nova creche no *campus* da Unicamp foi atender aos filhos (as) das servidoras da área de saúde da Universidade que trabalhavam em turnos, uma vez que o Centro de Convivência Infantil - CECI atendia somente aos filhos das servidoras que cumpriam o horário administrativo da Universidade (8:30 às 17:30 h e 7:00 às 16:00 h), não tendo condições de atendê-los, devido à **especificidade de horário** e número de vagas.

De acordo com a CLT de 1943 e com o Art. 1º da Portaria nº1 do Departamento Nacional de Segurança e Higiene do Trabalho -DNSHT de 15/01/69 “Os estabelecimentos em que trabalharem pelo menos 30 (trinta) mulheres com mais de 16 (dezesseis) anos de idade, terão local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância e assistência os seus filhos no período de amamentação”. E a Portaria nº 1 de 06/01/1971 altera os itens III, IV e V do artigo 2º, da Portaria nº 1 de 15/01/1969 dispondo sobre as normas de instalações de creches em locais de trabalho.

Considerado turno o trabalho diário incluindo finais de semana e feriados, com folgas pré-determinadas no início de cada mês cujos grupos são escalados nas 24 horas do dia. Plantão: o trabalho em dias ou horas normalmente sem expediente. Horário Especial: trabalho diário de segunda a sexta - feira em horário incompatível com os recursos oferecidos por outros estabelecimentos de guarda de crianças.

Em novembro de 1987, foi firmado um convênio entre o Instituto de Reabilitação de Campinas - **IRCAMP**, a Universidade

IRCAMP representado pelo Presidente da Diretoria executiva Prof. Dr. Reginaldo Zaccara de Campos, o qual tornou-se executor do convênio.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche				

Estadual de Campinas - **UNICAMP** e o fundo Social de
Solidariedade do Estado de São Paulo – **FUSSESP**, nos seguintes
termos e com os objetivos que se seguem:

A UNICAMP neste ato foi representada pelo Magnífico Reitor Prof. Dr. Paulo Renato Costa Souza.
A FUSSESP representada pela presidente Dra. Alaide Ulson Quércia.

[...] a criação e manutenção de uma creche destinada a acolher os filhos (as) de servidores da Faculdade de Ciências Médicas e do Hospital de Clínicas da Unicamp, através da congregação de esforços para promover a integração da criança no Programa de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente, em consonância com as diretrizes do governo do Estado de São Paulo (p. 02)

Inicialmente a CAS seria um sub-programa do Programa de Integração e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente – **PRODECAD/Unicamp**, que possui uma unidade de pré-escola: crianças de quatro a seis anos de idade e uma unidade de apoio à escolaridade, para crianças do ensino fundamental, que estão matriculadas na Escola Estadual “Físico Sergio Porto” conveniada com a Unicamp.

O PRODECAD de 1987 a 1990 não dispunha de sede própria, sendo que seu funcionamento ocorria em locais cedidos no *campus* da Universidade ou em casas alugadas nos arredores do *campus*.

Posteriormente, em 1992, a CAS foi desmembrada desse Programa devido à sua especificidade de horário de funcionamento.

A intenção de se criar a Creche Área de Saúde foi a de:

[...] 2.1. - prestar atendimento à crianças de dois meses a três anos, propiciando seu desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo,

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche				

favorecendo sua integração no Programa de Integração e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente.

2.2-Desenvolver modelos e técnicas de atendimento às crianças de que trata o item anterior, quando portadoras de deficiência e/ou atraso no desenvolvimento.

2.3- Atuar como centro de difusão de modelos e técnicas de atendimento, estabelecendo programas de estágio e treinamento de profissionais que atuam ou estejam sendo preparados para atuar em programas com objetivos similares (p.3)

As demais cláusulas do convênio dizem respeito às obrigações de cada órgão, vale mencionar em relação a FUSSESP:

[...] promover a integração das atividades objeto deste convênio em consonância com os programas de atendimento ao menor deficiente carente, desenvolvidos pelo Governo de Estado.(p.4)

Em 10 de dezembro de 1987, através da Portaria Interna GR n°332/87, foi formada a **Comissão de Assessoria Técnica** para acompanhamento da implantação da creche até a posse do Conselho Normativo constituído nos termos da cláusula quinta do convênio.

Membros da Comissão de Assessoria Técnica: Renato Arruda Fagundes (HC), Cecília Guarnieri Batista (IRCAMP), Lucila Eliana Moreira Sandoval (CECI), Dra. Sofia Helena valente de Lemos Marini (FCM), Ryoko Tsuda Bellentani (HC), Sérgio Antonio de Simone (NUDECRI), Gioconda Picarelli Russo (HC) e Paulo Roberto Barbosa Crivellini (ESTEC).

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche				

Os técnicos do Núcleo de Desenvolvimento de Criatividade - NUDECRI fizeram visitas a diversas creches de São Paulo e da região e com a Comissão de Assessoria Técnica elaboraram o projeto da creche.

No ano seguinte, iniciou-se a construção da CAS, com verbas da área de saúde: Centro de Atendimento Integral à Saúde da Mulher - CAISM e principalmente do Hospital de Clínicas. Este último ainda assume algumas despesas da creche, como o fornecimento de gêneros alimentícios, serviços de lavanderia, manutenção e transporte, apesar da CAS não ser oficialmente subordinada a ele.

Em outubro de 1989, foi elaborado o Regimento Interno da CAS, dando-se prioridade ao atendimento de servidoras da área de saúde pela especificidade do horário. Em dezembro do mesmo ano, foi formado o Conselho Normativo, que seria responsável pela condução da política assistencial da creche e pela execução de seu Regimento Interno, tendo representantes da Reitoria, do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo - FUSSESP, do Instituto de Reabilitação de Campinas - IRCAMP, da Faculdade de Ciências Médicas - FCM/Unicamp, do Hospital de Clínicas -HC/Unicamp e da Associação dos Servidores da Unicamp - ASSUC.

No Regimento Interno da CAS, a cláusula que trata das condições de matrícula cita no item III “[...] *que crianças excepcionais não poderão ser aceitas porque a creche não terá infra-estrutura e profissionais específicos para esses casos*”.

Apesar dessa cláusula contrariar a proposta inicial da CAS, na prática ela não foi efetivada, pois dois meses depois de seu funcionamento, a CAS atendeu a um bebê de sete

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche				

meses com deficiência visual e continuou o atendimento a outras crianças com deficiência até a presente data.

Em agosto de 1991, o convênio da CAS com FUSSESP / IRCAMP / UNICAMP foi encerrado e em 1992, considerando as reformulações que estavam sendo realizadas nos serviços de atendimento aos funcionários, a CAS ficou subordinada à PróReitoria de Extensão e Assuntos Comunitários –PREAC e em 1998 foi novamente transferida para PróReitoria de Desenvolvimento Universitário - PRDU, ficando subordinada à Diretoria Geral de Recursos Humanos –DGRH até a presente data.

A CAS possui sede própria em uma área de aproximadamente 1000 m² situada à Rua Carlos Chagas, 351.

Constitui-se de quatro módulos, um administrativo e os demais organizados de acordo com a faixa etária da criança: berçário (de dois meses e meio a onze meses), maternal I (de doze meses a dois anos) e maternal II (de dois anos a quatro anos de idade).

Funciona em dois turnos: manhã das 6:55 às 13:19 h e tarde das 13:00 às 19:24 h, aos sábados, domingos e feriados o horário de atendimento é das 6:55 às 13:30 h. Em seu Regimento Interno consta o atendimento em horário noturno (19:00 às 7:00 h), porém esse horário não foi efetivado, devido à pequena procura e questionamentos por parte da comunidade sobre o caráter educativo do atendimento noturno.

A creche foi mobiliada e equipada com verba das unidades da área de saúde: Hospital de Clínicas -HC, Centro de Atendimento Integrado à Saúde da Mulher –CAISM e Faculdade de Ciências Médicas – FCM.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche					

A CAS iniciou suas atividades com o quadro de pessoal completo, tendo o número necessário proporcional ao número de crianças matriculadas. No ano seguinte à inauguração, já atendia um número de crianças próximo à sua capacidade máxima atual, que é de 240 vagas.

Quadro I - Número de crianças atendidas pela CAS/Unicamp de 1990 a 2001, na faixa etária de 0 a 4 anos de idade.

Ano	0 a 1 ano	1 a 2 anos	2 a 4 anos	total
1990	44	60	64	168
1991	59	83	94	236
1992	50	82	113	245
1993	43	66	131	239
1994	35	63	115	213
1995	36	56	121	213
1996	57	59	110	226
1997	48	77	107	232
1998	33	79	127	239
1999	46	67	130	243
2000	43	70	125	238
2001	51	75	108	234

A seleção dos recursos humanos para formar o quadro de pessoal da creche ocorreu de duas formas:

a)- candidatos aprovados em concurso: recreacionistas que atuam diretamente com as crianças e auxiliares de nutrição, de higiene e limpeza.

b)- candidatos da comunidade universitária, que compõem a direção e a equipe técnica: Assistente Social, Enfermeiras, Pedagogas, Psicóloga e Nutricionista.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche				

Quadro II -Profissionais que atuam na CAS e regime de contratação

Categoria profissional	Unicamp	Funcamp	Temporário	Estagiário	Bolsista SAE
Equipe técnica	09				
Equipe Recreacionista	20	13	6	2	3
Equipe Nutrição	04	06			
Equipe higiene e Limpeza	09	03			
Equipe Lavanderia e Costura	02				
Segurança	01				
Auxiliar administrativo	02				
Técnico administrativo	01				
Total	48	22	6	2	3

O atendimento à criança na CAS inicia-se antes do seu nascimento, através do Grupo de Gestantes, que consiste em uma reunião quinzenal com as futuras usuárias a partir do 7º mês de gestação e alguns profissionais da creche, como a enfermeira, a nutricionista, a assistente social e a psicóloga.

O objetivo dessa reunião é orientar a futura usuária da CAS sobre o atendimento oferecido, o trabalho educacional desenvolvido na creche, orientações em relação à amamentação e as condições de matrícula.

Nesse encontro, as futuras mães trocam experiências sobre os filhos que já tiveram àquelas que serão mães pela primeira vez, falam de suas expectativas em relação ao momento do parto e seus anseios em relação à amamentação do bebê.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
		Um Dia na Creche					

O Grupo de Gestantes proporciona uma previsão de quantas crianças irão freqüentar a CAS, mês a mês.

Após algumas semanas do nascimento do bebê, a mãe usuária entra em contato com a CAS informando o nome, a data de nascimento do seu filho(a) e, um mês antes de retornar ao trabalho, é agendado um dia para a matrícula.

O ingresso da criança no berçário da CAS ocorre em qualquer mês do ano, após o retorno da licença gestante da servidora. Na faixa etária do maternal, atende-se às mães quando há disponibilidade de vagas.

A matrícula é realizada em dois momentos:

a) em grupo (de quatro ou cinco usuárias), em que participam além dos pais, os avós e familiares que queiram conhecer o atendimento e as instalações da creche,

b) individual, em que a mãe usuária fornece informações gerais sobre o seu filho e o primeiro contato da educadora com a mãe usuária e seu bebê é estabelecido.

O cotidiano da creche nos módulos de berçário e de maternal contempla atividades do educar e cuidar, como: alimentação, higiene, períodos de descanso, atividades pedagógicas, atividades lúdicas e passeios no *campus* da Universidade.

A CAS desenvolve um trabalho multidisciplinar e integrado em diferentes áreas. A área de Serviço Social atua no ingresso da criança na creche, bem como no acompanhamento das necessidades e acolhimento às famílias usuárias. A Nutrição trata da coordenação, elaboração e orientação de atividades relacionadas à alimentação das

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche					

crianças. O serviço de Saúde acompanha o desenvolvimento físico e a saúde das crianças, a administração de medicamentos e oferece orientações a familiares e servidores em questões de saúde e higiene.

As áreas de Psicologia e Pedagogia atuam na orientação e planejamento das todas as atividades psicopedagógicas desenvolvidas no Berçário e no maternal de acordo com o projeto educacional da CAS.

Semestralmente é apresentado aos pais um relatório do desenvolvimento de seu (sua) filho (a), nos aspectos físicos, nutricionais e psicopedagógicos, assim como as atividades que a criança realiza na creche.

O Berçário da CAS

O módulo do berçário tem estrutura física para atender 30 bebês em cada turno; organizados em grupos de 10 crianças para duas educadoras. Segue a orientação da Organização Mundial de Saúde –OMS, que prevê para essa faixa etária a proporção de cinco bebês por educadora. Atualmente atende um total de 53 bebês.

O bebê ingressa no berçário da CAS a partir de 2 meses e meio de idade, quando já estiver com as vacinas Tríplice, Sabin e BCG em dia.

A fase de ingresso à creche é cuidadosamente planejada para o acolhimento à mãe e aos bebês, nos seus primeiros dias na CAS. A equipe do berçário e a recreacionista que

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche					

cuida da criança acompanham a mãe de forma a promover o conhecimento e a confiança mútuos, tendo como desafio transformar o atendimento coletivo em um atendimento individualizado.

As atividades cotidianas no berçário são planejadas de acordo com a faixa etária dos bebês. Na hora da entrada uma recreacionista é responsável para receber as crianças, registrando as informações que nortearão a equipe quanto aos cuidados adequados durante a permanência de cada criança. O momento de recreação contempla atividades motoras e atividades do planejamento pedagógico como música, histórias, fantoches e banho de sol.

Os horários de amamentação e de alimentação são intercalados, sendo que em cada turno são oferecidos três tipos de alimentos diferentes às crianças.

Os pais usuários têm livre acesso às dependências da CAS. Por medida de segurança a entrada de outros familiares é permitida desde que estejam acompanhados da usuária, evitando assim que pessoas estranhas circulem pela creche.

Durante o período de amamentação, até que o bebê complete seis meses de idade, as mães usuárias da creche, tanto as com aleitamento materno, como as com aleitamento artificial ausentam-se do seu setor por uma hora, durante sua jornada de trabalho para amamentar o seu filho, de acordo com o **artigo 396 da CLT de 1942**. Isso faz com que a cada duas horas e meia a mãe usuária tenha contato com o seu bebê, facilitando assim a adaptação da criança ao novo ambiente.

Artigo 396 da CLT de 1942- Para amamentar o próprio filho, até que este complete 6 (seis) meses de idade, a mulher terá direito, durante a jornada de trabalho, a dois descansos especiais de meia hora cada um.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
Um Dia na Creche					

Na área interna do módulo do berçário há uma sala de amamentação, para que mãe e filho (a) possam ter maior privacidade. Nos dias quentes de verão, o pátio da área externa da CAS, também é utilizado para esse fim.

Como a CAS não dispõe de lactário, as mães que amamentam seus filhos com leite artificial trazem uma mamadeira pronta e identificada para cada horário de amamentação, armazenando-a na copa e sendo aquecida pela auxiliar de nutrição no momento em que a mãe chega para o aleitamento.

A alimentação das crianças do berçário é adequada à faixa etária e segue as orientações do pediatra da família. Aos cinco meses de idade, para as crianças com leite artificial, e aos cinco meses e meio para aquelas com aleitamento materno, há necessidade de complementação da alimentação. Inicia-se a introdução gradativa do suco e da vitamina de frutas e depois de alguns dias a papa de frutas. Na semana seguinte, é introduzida a papa salgada com dois legumes inicialmente, intercalando-se com outros, para verificar se a criança tem alguma intolerância. Posteriormente, é oferecida uma papa completa com carne, cereal e legumes.

Nesse período, as mães usuárias são convidadas a participar de orientações sobre a alimentação do bebê, seu desenvolvimento e as atividades pedagógicas realizadas no berçário. Dessas reuniões participam a nutricionista, a assistente social e a pedagoga da creche.

É feito o controle de peso, altura e perímetro cefálico do bebê, semanalmente, para obter uma visão geral do seu desenvolvimento.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche					

A passagem da criança de um módulo para outro ocorre de acordo com a necessidade do berçário em atender novos bebês e da disponibilidade de vagas no Maternal I. Antes de efetivar essa mudança algumas alterações são feitas na rotina dos bebês quando completam 10º mês de idade, atingindo o horário de sono, a alimentação, as brincadeiras e a socialização das crianças com os colegas do outro módulo, objetivando facilitar sua adaptação ao Maternal I.

As mães das crianças que completam 1 ano de idade são convidadas a participar de uma reunião em que conhecem o novo espaço físico, as recreacionistas que ficarão com seus filhos e as informações sobre as mudanças na rotina. Essa reunião é denominada passagem de módulo: do Berçário para o Maternal I e deste para o Maternal II, quando as crianças completam 2 anos de idade.

O Maternal I

Esse módulo atende a crianças de 12 meses a dois anos de idade e a proporção é de sete crianças para um adulto, organizadas em grupos de 14 crianças para duas educadoras. Possui estrutura física para receber a 42 crianças por turno e atualmente temos 63 crianças nesse módulo.

A rotina do Maternal I é constituída de atividades pedagógicas, lúdicas, atividades na área externa, cuidados de higiene, banho e alimentação.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche				

Além das atividades pedagógicas, as crianças maiores do Maternal I cuidam de um aquário e há momentos do dia dedicado à exploração do salão com as bolas, pneus, escorregador e outros brinquedos.

A alimentação no Maternal I consiste de três refeições: um lanche de entrada, em que é oferecido à criança suco ou vitamina de frutas, acompanhado de pão, bolo ou bolacha e duas vezes por semana o cardápio tem ovos cozidos. No almoço ou jantar servem-se arroz feijão, carne, legumes, salada de folhas, frutas de sobremesa e suco natural. No lanche de saída há pão recheado com patê e uma fruta que as crianças levam para casa.

Neste módulo, o controle do peso e altura da criança é realizado mensalmente. Por este controle, quando se percebe que a criança não está se desenvolvendo bem fisicamente, a enfermeira orienta a mãe a procurar o pediatra de seu filho.

Quando a criança completa 18 meses de idade, inicia-se a retirada da fralda. Esse processo é feito em parceria com a família e com o objetivo de orientá-los uma reunião é agendada com as mães das crianças dessa faixa etária.

Maternal II

Este módulo atende a crianças na faixa etária de dois a quatro anos de idade. Possui estrutura física para receber 48 crianças em cada turno, organizadas em quatro grupos de 12 crianças para uma educadora.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche				

As atividades do cotidiano das crianças que estão no módulo do Maternal II seguem o projeto pedagógico desenvolvido anualmente pela CAS. Na hora da entrada como nos outros módulos, há uma educadora responsável para receber as informações da mãe sobre a criança. No salão em que são recepcionadas, as crianças podem brincar em um dos seus cantos, escolhendo os brinquedos que mais lhes convém. Nas salas menores, as crianças são divididas em grupos e inicia-se o planejamento do dia com a roda de conversa. Há um momento em que todas as crianças se encontram que é a hora do parque, no pátio do módulo.

A alimentação é semelhante à do Maternal I, sendo que neste módulo as crianças utilizam o sistema *self-service*. Com vistas a estimular a autonomia das crianças, os recipientes com os alimentos são dispostos à mesa e elas passam a se servir sozinhas escolhendo o que querem comer.

O setor responsável pela alimentação realiza algumas atividades de culinária com as crianças ensinando-lhes a preparar bolos, fazer lanches, bolachas e plantar verduras na horta.

As crianças maiores de três anos, passeiam pelo *campus* universitário, com o objetivo de conhecer outros espaços e de participar de alguns eventos que a Universidade oferece. A CAS também realiza atividades integradas com a família como a festa junina, a festa da primavera e a festa de Natal.

Há um grupo de formação continuada dos servidores da CAS para a atualização de sua capacidade técnica de trabalho. Reuniões semanais por módulo e por categoria

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche				

profissionais são planejadas visando a orientação técnica, informes administrativos e discussão de casos.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
	Um Dia na Creche					

Um Dia na Creche

Nessa manhã de verão o sol vem surgindo com mais intensidade. Carros em frente à creche começam a estacionar. Mães com crianças no colo, sacolas, outras mães segurando seus filhos pelas mãos começam a entrar na creche. Os ônibus provenientes dos diversos bairros de Campinas estacionam atrás da creche e mais mães, crianças e funcionários chegam à Universidade.

Na CAS, o movimento de chegada é grande. Na entrada de cada módulo, após conversarem com as educadoras, cada mãe se despede de seu filho e com pressa se dirigem ao seu setor de trabalho. Um misto de choro, alegria, faz parte da entrada das crianças, umas correm para os brinquedos dispostos nos salões, outras crianças se apegam às suas mães despedindo-se com lágrimas.

“Bom Dia!” É a frase que ouvimos com mais frequência. Um recado a ser dado aqui, um outro acolá, um aviso para a enfermeira, pois, durante a noite, o bebê não passou bem, teve febre.

As copeiras vestem seus uniformes, trocando fôfocas da TV. O barulho dos espremedores de frutas fazem parte do som matinal. Afinal é suco para 70 crianças!

As brincadeiras, o abraço gostoso da educadora, dos amigos, o livro de história do dia, a troca de roupa e de fraldas dão o colorido da chegada.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
A Creche							

No lanche das crianças tem pão e suco. Porém, há dias como hoje em que é bolo. E que sujeira! Bolo gostoso é aquele que a gente come e faz sujeira. Logo depois, vamos para o parque e as brincadeiras recomeçam.

No Maternal II é hora de desenhar, pintar, brincar com massinha. Já no Berçário é hora de dormir. Alguns bebês que não querem dormir ficam no pátio com as educadoras, tomando banho de sol. O cheirinho da comida preparada na creche já às 9:00 horas da manhã indica-nos o cardápio do dia.

Depois do parque vem o banho. É hora de trocar de roupa, ir para o piquete, pentear o cabelo e ouvir histórias. Cantar, imaginar, jogar com os amigos, visitar outros módulos, os bebês e almoçar fazem parte da rotina do dia.

No Berçário, o almoço já começou e quando todos resolvem dizer que estão com fome é aquele choro. O barulho da colher batendo nos pratos e as crianças comendo são parte do cenário nesse momento.

Escovar os dentes. Hoje é dia da “Tia” dentista fazer escovação. É gostoso deitar no colo dela, abrir a boca e ela vão mostrando como escová-los para que o bichinho da cárie não entre.

O sono após o almoço dá-nos a impressão de que a creche entra em silêncio. O burburinho de vozes de crianças cede lugar ao dos adultos, conversando. Dia de reunião em um dos módulos, hora de almoço das demais educadoras.

As crianças começam a acordar preparando-se para a saída da creche do turno da manhã. O lanche da saída às 12:30 horas vai sendo colocado em cada mochila.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quilizar da Colcha	Links
A Creche							

Nesse momento ocorre à entrada das mães, crianças e funcionárias do turno da tarde. Temos a impressão de que não cabem todos na creche. Mas, às vezes, é uma questão de minutos e o fluxo de pessoas vai se escoando. Tem dias como hoje que a chuva faz prorrogar esses minutos, mas logo passa.

Uma nova frase é dita: “Boa Tarde!”

Um sorriso de quem está chegando com saudades dos colegas e tudo se inicia: espremedor de frutas, compras da cozinha sendo descarregadas. Frutas e as bananas tão queridas pelas crianças são armazenadas. No lanche da tarde, também bolo.

As brincadeiras recomeçam, pois são outras crianças, outros adultos, outras educadoras, outras atividades. Com a chuva o parque do maternal II ficou molhado, mas dia de verão é bom fazer bolo de “meleca”.

Banho, troca de roupa, histórias, jogos, tudo de novo, como se fosse de manhã.

Após o jantar, a maioria das crianças descansa. Algumas do maternal II, que não querem dormir continuam brincando. Também é dia de reunião das educadoras da tarde, e jantar de outras. A creche, de novo, parece que entra em silêncio, para logo recomeçar o movimento de saída das crianças.

Troca de roupa, lanche colocado na mochila e as crianças vão para o pátio da frente. São 19:00 horas as luzes vão sendo apagadas, janelas e portas fechadas pelo vigilante.

Uma frase finaliza o dia: “Boa Noite!”. Com alegria e acenos nos despedimos para retornarmos no dia seguinte com mais: *Um Dia na Creche*.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico		Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha	Links
A Creche							

RETALHOS DO COTIDIANO

O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola

A entrada de crianças na CAS é marcada por momentos que requerem, por parte de todos, uma cuidadosa atenção. As educadoras e as crianças que já freqüentam a creche irão conhecer essa nova criança e a sua adaptação dependerá não somente de como será acolhida por todos, mas também de todo um contexto.

Geralmente, a transferência de uma criança de uma das creches da Unicamp para a outra se dá pela mudança de horário de trabalho da mãe.

As informações como o nome da criança, data de nascimento, local e horário de trabalho da mãe usuária são transmitidas por ela própria, quando vem conhecer a rotina da CAS. As demais informações contidas em uma ficha chegam alguns dias após o ingresso da criança.

O fato de recebermos uma criança vinda de outra creche tranqüilizou o grupo. Pois, supõe-se que por já ter participado de um ambiente coletivo, sua adaptação seria mais fácil.

Essa criança entrou no turno da tarde e fui conhecê-la no dia seguinte. Ao chegar no pátio externo do Maternal II, fui abordada com perguntas que não eram comuns quando novas crianças entram na creche:

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Quitar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa	O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

Você viu a criança que entrou, disse uma das educadoras do módulo. Fiquei curiosa e fui observá-la. Perguntei-lhe, então: *Mas, o que ela tem?*

Ah! Ele é meio estranho, disse a educadora.

Estranho? Como? Respondi-lhe.

E ela completou: *Ele é diferente das outras crianças*.

Com ar de incompreensão, perguntei-lhe por que ela o achava estranho, pois não me pareceu à primeira vista que havia algo de diferente nele. A criança estava sentada no parque olhando as outras crianças brincarem.

Ao me aproximar da educadora do grupo, ela foi detalhando situações do comportamento da criança, como a dificuldade de comunicação com as outras crianças e adultos, o fato de salivar bastante, suas expressões e atitudes, que não eram comuns às crianças dessa faixa etária.

Ele tem três anos mesmo? Ela perguntou-me, como que querendo confirmar se a criança permaneceria em seu grupo.

Disse-lhe que precisávamos aguardar um tempo, pois era o seu primeiro dia na CAS. Afinal, ele estava em período de adaptação na creche e não havia chegado a pasta com as informações provenientes da outra creche.

Os dias foram passando e os questionamentos continuaram trazendo mais detalhes do comportamento da criança.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Quiltar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa	O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

A educadora dizia que a criança não falava quase nada, até quando perguntavam se queria água ou não. Ele não respondia. Nas atividades de roda de conversa e de histórias todos participam e ele ficava alheio.

A pasta enfim chegou. Fomos a ela, pois, certamente traria informações esclarecedoras. Ao lermos o relatório de desenvolvimento da criança, a sensação que nos dava era de que se tratava de uma outra criança.

Tem certeza de que é esse o relatório? Perguntaram a enfermeira e a educadora.

Respondi-lhes que tudo indicava que era o relatório esperado. Não sei bem o que nós buscávamos no relatório, se era algum relato condizente com o que observávamos ou alguma prova de que esse “estranho ou “diferente” fosse confirmado por outras pessoas que já o conheciam.

Deixa-me ver a ficha de saúde, disse a enfermeira. Ao examinar melhor a ficha, ela mencionou: *Olha ele teve um apgar baixo nos primeiros cinco minutos, mas, depois foi normal. Na primeira gestação da mãe, nasceu um bebê com anencefalia.*

Perguntei-lhe: *O que isso significa?*

Ah! não sei. Respondeu ela. *Talvez seja...*

É interessante, pensei, enquanto ela falava. Quando a resposta às perguntas desse tipo vem com um “não sei” e para nesse ponto, dá-nos a impressão de estarmos todos próximos e solidários uns com os outros. O problema é quando o “não sei” vem acompanhado do

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Quiltar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa	O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

“talvez seja” e a imaginação viaja a galope, as palavras mais absurdas são ditas, os rótulos são encaixados e saímos lembrando das palavras finais que são *é, talvez seja isso mesmo.*

Os dias foram passando e argumentar que estávamos em período de adaptação não tinha mais sentido. O comportamento da criança, para os adultos, era ainda muito “estranho” e diferente das demais crianças de seu grupo.

As educadoras do módulo e a pedagoga perguntaram-me se não seria possível encaminhá-lo para algum dos serviços do Hospital das Clínicas da Universidade, para sabermos o que ele tinha e como agir mais adequadamente com ele.

Será que lá eles não fariam uma investigação para termos um diagnóstico?
Disseram-me.

Perguntei-lhes se já tinham, falado com a mãe.

Com a mãe é difícil, ela trabalha em um setor que não dá para sair e vir a reuniões aqui na creche. Para conversar com ela teria que ser fora de seu horário de trabalho.

Nisso chegou a enfermeira, acompanhou o final da conversa e disse:

A mãe não trouxe nem os exames de urina e fezes da criança que lhe pedi na vinda para a nossa creche. Não trouxe nenhum retorno do acompanhamento do pediatra da criança. Observe de perto essa criança, vê se não é o caso de encaminhar para termos um diagnóstico. Essas palavras foram complementadas pela educadora e a pedagoga.

Fui observar a criança de perto acompanhando alguns dias as suas atividades.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa		O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

Havia pouca interação dele com as demais crianças. Ele não conseguia comunicar o que queria para elas. Geralmente repetia a última palavra da frase que lhe era dirigida. Chamava o nome das educadoras e crianças, porém não dava continuidade ao diálogo, deixando a relação bastante restrita. As tarefas simples que lhe eram delegadas não as cumpria, necessitando do apoio direto do educador como: pegar a caneca de água, levar a mochila para a sala, guardar o brinquedo, dando-nos a impressão de incompreensão quanto a essas solicitações.

Alimentava-se de maneira muito rápida, não mastigava a comida, engolia tudo em três colheradas. A educadora tinha que segurá-lo para não pegar a comida dos amigos, enquanto ela colocava mais em seu prato. Salivava bastante, sua camiseta no final do dia estava toda molhada. As crianças não queriam brincar com ele, pois levava os brinquedos à boca deixando-os molhados.

Na hora da roda de histórias, todos prestavam a maior atenção e apesar de estar próximo à educadora, ele olhava para todos os lados menos para o livro. Na troca de roupa a educadora tinha que fazer tudo para ele, por mais orientação verbal que lhe dirigisse.

Realmente havia algo de “estranho” nele, se comparado com as crianças que faziam parte de seu grupo e que estavam na mesma faixa etária.

A educadora desabafou:

Eu não sei lidar com ele. É tão diferente das outras crianças. O que eu faço, perguntou-me.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa		O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

O que lhe responder? Não sei, talvez seja ou simplesmente não sei o que dizer.
 Devolvi-lhe com uma pergunta:

Ele escuta, ouve bem?

Sim, porque quando chamamos pelo nome, ele olha e se aproxima, disse a educadora.

Agendei um momento com a mãe fora de seu horário de trabalho. Iniciei a conversa explicando a importância do trabalho conjunto dos pais com a creche e que tinha observado uma dificuldade na linguagem da criança e se ela também havia observado. Para minha surpresa ela descreveu o percurso da criança até a cirurgia de adenóide e o quanto ele havia melhorado. Contou-me como ele estava falando melhor, o que ele fazia em casa. Aquela sensação de novo, quando lemos o relatório, de se tratar de outra criança retornava.

Explicou-me a dificuldade em ausentar-se no horário de trabalho por ser um setor de difícil liberação para reuniões. Perguntei-lhe se conseguíssemos um atendimento com a fonoaudióloga se ela estaria levando a criança. Disse que sim e agradeceu. Terminei falando que precisávamos conversar mais vezes e que assim que tivesse alguma notícia da consulta com a fonoaudióloga eu lhe comunicaria.

Essa primeira conversa ocorreu por volta do terceiro mês que a criança estava freqüentando a creche.

Dei um retorno dessa conversa à enfermeira e à pedagoga sem mencionar a sensação que tive.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Quiltar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa	O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

É, foi boa, mas a dificuldade dele não é só a linguagem e na comunicação, tem mais coisas. Dizendo isso a pedagoga foi relatando cada uma das situações e como para as educadoras estava sendo difícil trabalhar com a criança. O grupo de educadoras, como um todo, quer saber o que ele tem.

Um exame neurológico não mostraria o que ele tem? Perguntaram-me a enfermeira e a pedagoga. *Porque ficamos sabendo pela atendente que trabalha na clínica do pediatra da criança e essa clínica é de neuropediatria, que quando ele está com a mãe lá acontece assim, assim...*

Se o leitor já trabalhou num local onde a predominância feminina é clara, então encontrará um leque enorme de informações vindas não se sabe de onde, mas com a garantia de serem fidedignas, cujo nome mais comum é “fofoca” e que muitas vezes provoca um efeito efervescente no ambiente.

De repente me vi agendando, para a criança, uma avaliação fonoaudiológica no CEPRE - FCM, ao mesmo tempo, que perguntava a esse profissional quais seriam as possibilidades de um encaminhamento ao laboratório de neuropediatria do HC para um diagnóstico.

As informações que recebi é que esse tipo de consulta demora em média de três a quatro meses para ser agendada e com os feriados do final do ano a demora seria maior e que para encaminhar alguma criança era necessário ter alguns indicadores.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Quilatar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa	O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

As férias de final de ano foram chegando. Algumas crianças continuaram na creche durante a primeira quinzena de janeiro e as demais permaneceram em férias até retornarem todas juntas.

Novo ano novas turmas, porém algumas turmas permanecem as mesmas, mudando somente algumas crianças como ocorreu com o grupo ao qual ele pertencia.

Em uma reunião de planejamento do Maternal II, o grupo de educadoras elaborou algumas estratégias para atuar com a criança que consideravam que era diferente. Ainda aguardavam saber o que é que ele tinha. Disse-lhes da demora em agendar a consulta para um diagnóstico e dos indicadores que seriam necessários aos quais em nenhum deles a criança correspondia. Combinamos conversar mais vezes com a mãe.

Os dias foram caminhando e as estratégias que o grupo havia pensado umas estavam dando certo outras, não.

Marcamos um segundo encontro com a mãe, dessa vez junto com a educadora do grupo. Retomei dizendo o quanto era importante nós trabalharmos juntos com a criança e logo em seguida passei a palavra para a educadora, que começou a descrever o dia-a-dia dele na creche e suas atividades com os colegas. A mãe, às vezes silenciosa quebrava o silêncio descrevendo como ele era em casa. Quando ela relatava, de novo tínhamos a impressão de que ela estava falando de outra criança.

Pensei na situação. Tenho acompanhado a criança aqui na creche e a educadora não está exagerando na sua descrição, é assim que ele age aqui.

A mãe fez uma pergunta e a educadora olhou para mim não sabendo responder

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa		O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

Por que ele é tão diferente na creche do que em casa?

Nessa hora não se tem resposta para essa pergunta. Respondi com uma outra pergunta: *Eu creio que você mãe não está mentindo. É assim que ele age em casa, não é?*

Ela respondeu afirmando. *Você sabe que eu não mentiria.*

Disse-lhe. *Assim como a educadora também não está mentindo. Não sei porque ele é diferente em casa do que na creche. Mas, nós precisamos juntos trabalharmos com ele.*

Fui intercalando um diálogo entre a educadora e a mãe nas situações que eram de dificuldade para uma e como a outra solucionava e vice-versa. Combinamos algumas ações com a criança em casa e na creche. Marcamos uma próxima data, neste mesmo horário e ao levantarmos a mãe faz uma pergunta:

O meu filho tem algum problema? Ele é normal?

Antes que pudéssemos sentar ou falar qualquer coisa, ela começou a descrever desde o momento em que ele nasceu, as palavras do médico, *“ele teve um pequeno problema, mas não é nada”* Já na outra creche, ele ainda não andava e todas as crianças do grupo dele já estavam andando, a diretora dizendo *“cada criança tem seu ritmo e ele vai andar”*

Ela foi dizendo das pessoas que cruzaram seu caminho, das palavras que sempre diziam-lhe *“ele tem algo”*, esse algo não sabiam explicar, *“mas, vai passar”* e que optou por acreditar que ele iria conseguir. Mas, que ela gostaria de saber o que ele tem. Disse isso olhando para mim.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Quiltar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa	O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

E agora? Dizer não é nada, vai passar ou todas as pessoas, inclusive você, querem saber o que ele tem?

Talvez você leitor tenha se sentido encurralado em alguma situação igual a esta sem saber responder. Eu não conseguia acreditar e apostar na criança, como a mãe o fazia. De repente, me peguei falando quais as possibilidades de um encaminhamento para um diagnóstico.

Quando a mãe foi embora a educadora disse:

Acho difícil ele fazer todas aquelas coisas em casa, como a mãe disse!

Olhei para ela e respondi:

A mãe não está mentindo. Eu acredito nela. É assim que ela vê o seu filho. Aos olhos dela ele faz tudo aquilo que ela mencionou. Seria bom se nós pudéssemos também ter o mesmo olhar dela sobre a criança. Desabafei.

Conversei novamente com a fonoaudióloga do CEPRE -FCM e relatei a situação. Apesar da criança não ter os indicadores para um encaminhamento, perguntei-lhe o que poderia ser feito.

Ela retornou afirmando que ela mesma realizaria a avaliação fonoaudiológica na criança e se houvesse alguma coisa nos daria o retorno. Como toda quarta-feira ela atendia no Ambulatório de Neuropediatria, sugeriu que a mãe se dirigisse para esse local.

Os dias foram passando, mas algo havia mudado e eu não me dera conta disso, quando chegou a pedagoga dizendo:

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Quilatar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa	O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

Fizemos uma reunião com o grupo de educadoras e não dá mais para ficarmos aguardando saber o que ele tem, se é que essa criança tem alguma coisa! Mesmo seja diagnosticada a síndrome da cebola nós temos que trabalhar com ele do jeito que ele é.

Não queriam mais saber o que ele tinha! Queriam trabalhar com ele. A relação afetiva do grupo com a criança havia se estabelecido. As educadoras começaram a ver as qualidades da criança, os seus pontos positivos! Enquanto todos queriam o diagnóstico essa relação não se estabelecia. Era difícil e trabalhoso atuar com a criança, mas isso requeria acreditar nela, amá-la do jeito que ela é e, principalmente, não compará-la com as demais crianças da mesma faixa etária.

Talvez, a metáfora da “cebola” utilizada pelas educadoras tenha representado o trabalho de descascar essa situação gomo por gomo, na espera de que pudessem descobrir no final desse processo um “legume” diferente.

No segundo encontro que tivemos a educadora e a mãe da criança relataram as suas dificuldades, porém os ganhos da criança também. Juntas davam sugestões de como trabalhar com a criança. A mãe lembrou-nos de que a consulta com a fonoaudióloga seria dentro de uma semana.

Antes que ocorresse o terceiro encontro com a mãe, ela me interpelou no corredor do Maternal II e disse:

Eu preciso te contar sobre a consulta da Fono. Ela entregou seu filho para a educadora e esperei que me contasse da consulta.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa		O Pé Caiu ...		O Biscoito de Polvilho

Fui lá, demorou muito para eu ser atendida. Na sua voz havia uma leve euforia. Iha, não quero mais saber o que ele tem, não precisa de diagnóstico.

Perguntei o que houve. Havia pressa nas suas palavras, talvez para não chegar atrasada ao seu local de trabalho. Pedi que se acalmasse e me contasse.

Fiquei mais ou menos três horas esperando. Disse-me e continuou a relatar:

Quando chegou a minha vez, a fono que estava agendada não se encontrava nesse dia para atender. Quem nos atendeu foi uma outra fono, que me perguntou se era realmente nesse ambulatório que a consulta estava agendada. Disse-lhe que sim. Enquanto eu conversava com ela meu filho não parava quieto um minuto, queria empurrar as cadeiras de rodas das crianças que também estavam esperando. Tinha umas crianças que estavam deitadas no colchonete, ele ia até elas, queria pegá-las no colo, foi um sufoco.

Continuou a contar o que a criança havia feito nesse tempo de espera no ambulatório.

Essa fono levou-me para fora da sala de atendimento dizendo: “Mãezinha aqui não é o lugar para seu filho, você está vendo, aqui só tem crianças que não andam, que usam cadeiras de rodas e precisam da fono até para comer, ele não é igual a elas. Para seu filho, o atendimento fonoaudiológico é lá no ambulatório de pediatria. Então ela me encaminhou para lá.

Fiquei pensando por que razão ela não queria mais saber o que a criança tinha, ela e as educadoras também.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Quiltar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa	O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

Atualmente as educadoras do Maternal II do turno da manhã conhecem melhor a criança e esta responde a esse (re) conhecimento com sorrisos e seu jeito peculiar de ser.

Outros dois encontros foram realizados, um deles com a presença do pai da criança. Havia um clima de confiança mútua entre família e instituição. A dificuldade de aprendizagem da criança já não a representava e sim suas possibilidades. E entendemos que precisamos aprender, enquanto educadores que lidam com as diferenças humanas, a não usarmos critérios de comparação. As crianças são únicas, singulares...

Dentro de alguns meses essa criança estará mudando de instituição, irá para uma pré-escola. Os educadores que a receberão terão que aprender a mesma lição.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
		O Camaleão Cor de Rosa		O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

O Camaleão Cor de Rosa

Ficamos sabendo pela assistente social da creche que um bebê de quatro meses e com hidrocefalia daria entrada em alguns dias no berçário da nossa creche.

Geralmente, nas matrículas de Berçário, perguntamos às mães o que as levou a buscarem o atendimento na creche. Algumas mães respondem pela proximidade da creche com o seu local de trabalho, outras pela qualidade do atendimento e por ser gratuito. Esta mãe em particular respondeu que outras mães que trabalham no mesmo setor incentivaram-na a trazer para a creche em vez de buscar atendimento numa instituição especializada.

Como nunca havíamos atendido uma criança com esse diagnóstico, buscamos orientação de uma das mães usuárias do berçário e que era pediatra.

No dia seguinte à conversa da pediatra com as educadoras do berçário, como não pude participar pedi que me passassem quais tinham sido as orientações e as informações recebidas.

AH! Não deu muito para prestar atenção, pois, alguns bebês estavam chorando, disse uma delas.

Ela nos contou que a criança tem um dreno na cabeça e que precisamos ter cuidado com ele, mencionou uma outra educadora. Acho que temos que esperar para ver como vai ser, complementou.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola				O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

Perguntei à enfermeira como tinha sido a orientação da pediatra. Ela me disse que foi feita junto com os bebês, pois não tinha pessoal disponível para dar cobertura para retirar as educadoras para a conversa. A pediatra explicou o que era hidrocefalia e quais os cuidados básicos que teríamos que ter.

Pensei, por mais que você prepara um grupo de educadoras sobre a vinda de uma criança com deficiência, não é suficiente. As pessoas apreendem aquilo que lhes chama mais atenção.

Havia um ar de preocupação no berçário com a novidade, misturado à curiosidade de algo novo, desconhecido. Cada uma das educadoras mostrava uma preocupação com um elemento especial que o diagnóstico apontava, bem como as suas expectativas em relação ao bebê.

A minha era com o preconceito e a curiosidade. A aparência física do bebê, o tamanho da cabeça, já indicava a qualquer pessoa que ela tinha hidrocefalia.

Esta criança entrou em nosso berçário em abril de 2001.

Os primeiros dias no berçário para a maioria das mães são dias difíceis. O retorno ao trabalho com horários, atividades que há quatro meses atrás não tinham, a separação do bebê, mesmo que seja por um período do curto, trazem algumas angústias às mães nessa fase de adaptação.

Na creche, os primeiros dias desse bebê foram mais difíceis para as educadoras do que para a mãe, sendo que para a criança foram tranquilos.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola				O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

Buscávamos constantemente a orientação da mãe, nos horários em que ela vinha amamentar, no sentido de como proceder com seu bebê. E ela nos ensinava a forma de carregá-lo, os procedimentos na hora do banho e os cuidados que tínhamos que ter.

A mãe foi ensinando como cuidar de sua filha a cada uma das educadoras e estas ensinavam as outras. Depois de alguns meses, a curiosidade já havia passado. Todas as educadoras do berçário do turno da manhã e da tarde sabiam como proceder com o bebê, nas atividades, na hora de troca, do banho e da alimentação.

Os dias foram passando e o bebê foi participando de todas as atividades que eram feitas no berçário da creche. E em um dia desses a mãe nos disse:

Está difícil ela ir para a sessão de fisioterapia, toda vez que tem, ela chora muito. Ela não é de chorar. A fisioterapeuta está estranhando. Talvez, se aqui na creche alguns dos exercícios fossem feitos, ela não estranharia e choraria menos.

E assim começamos também a aprender alguns exercícios específicos para fazermos com sua filha, além daqueles que realizávamos com todos os bebês do berçário.

A voz da educadora era conhecida do bebê e ela fazia os exercícios sorrindo.

O investimento que a mãe fazia no seu bebê nos incentivava à recebermos da criança cada vez mais respostas aos estímulos que fazíamos. A cada dia conhecíamos melhor a criança, seus gostos, a forma como dormia, na alimentação e assim íamos nos adaptando as suas necessidades. O vínculo afetivo desde o primeiro momento foi estabelecido.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quitar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola				O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

Chamou-me a atenção o fato do bebê não acompanhar os objetos com os olhos. Indiquei para a mãe o CEPRE - FCM para uma avaliação oftalmológica. A mãe retornou que o bebê colocaria óculos dentro de alguns dias. Era mais uma coisa a estarmos aprendendo.

Os óculos fizeram a diferença para a criança, pois começou a responder mais aos estímulos do ambiente.

Ela está mais atenta a tudo que lhe acontece, disse a educadora. Às vezes ela coloca os óculos na boca, arrumamos no lugar certo. Procuramos deixá-la o tempo todo de óculos inclusive para dormir, complementou outra educadora.

As educadoras do berçário que nunca haviam cuidado de um bebê com hidrocefalia nos relatava;

Não é tão difícil como nós imaginávamos, disse uma delas. Tem alguns cuidados diferentes, mas é como outro bebê que temos, complementou outra educadora.

Esse bebê permaneceu no berçário até a faixa etária de 18 meses, quando conseguia permanecer sentada sem apoio.

O momento de passagem para o Maternal I chegou e fizemos uma reunião com as mães do berçário cujas crianças estavam em idade de passagem para esse módulo. Essa reunião tinha o objetivo de fornecer informações das novas atividades que esse módulo propicia.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quitar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola				O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

Para nossa surpresa essa mãe que até então nos orientava, trazia segurança à equipe nos aspectos de cuidado e educar, mostrou-se receosa como outra mãe de criança da mesma faixa etária.

Os meses foram passando e as respostas no seu desenvolvimento eram visíveis.

No começo eu estava receosa, disse a mãe. As crianças iam tirar seus óculos, as mordidas dessa faixa etária, me davam medo. Mas, ela desenvolveu muito nesse módulo. Percebi isso em casa também. No Berçário, os brinquedos ficavam perto dela e as crianças não tomavam. Quando ela percebeu que aqui no maternal I, as crianças iam atrás dos brinquedos, tomavam aqueles que ela pegava, ela começou a sair do lugar, complementou a mãe entusiasmada.

Como toda a criança na fase de exploração do ambiente e no convívio com as outras crianças, às vezes cai, uma empurra a outra, as educadoras ficaram receosas com isso.

Desse jeito ela vai bater a cabeça. Não é melhor por um capacete para proteger, um que seja de espuma. E se uma criança bater com o brinquedo na cabeça dela, disse uma educadora.

Essas angústias estavam com as educadoras e a equipe em geral quando um dia ela caiu, bateu a cabeça.

Foi um corre - corre, socorre a criança, chama a mãe, acalma a educadora. O tombo não era grande, mas o fato de ter batido a cabeça nos assustou.

Quando a mãe chegou e viu, ela nos acalmou.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Quiltar da Colcha	Links
O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola				O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho

Já aconteceu isso umas três vezes em casa, na primeira vez eu fiquei assustada como vocês. Fui ao pediatra e ele me confortou dizendo que faz parte da aprendizagem, pois, não sendo uma batida na direção do dreno ou algum tombo de certa altura, esses tombos que toda criança leva só estaria ajudando-a a se equilibrar melhor.

Não havia nada de novo a ser feito para a criança, pois, agora era a equipe que acreditava na criança e as descobertas eram feitas de acordo com a resposta da criança.

Atualmente ela se encontra no Maternal I e as pessoas que passam pela creche nem percebem que ela é uma criança com deficiência. Sua linguagem desenvolveu muito. Está começando a andar, mas, se não dissermos seu diagnóstico ela não aparenta ser diferente.

Durante a sua permanência no berçário algo se tornou interessante, e atualmente, estando no módulo do Maternal I, isso perdura. Talvez por isso tenha pensado no nome *camaleão cor de rosa* para relatar essa história.

Ela não parece com uma criança com hidrocefalia, disse a estagiária que veio para a creche.

Se não tivéssemos dito a essa estagiária e outras pessoas que fazem estágios na creche, elas não perceberiam.

No entanto nós sabíamos qual era seu diagnóstico, mas a tratávamos igual a outra criança. Aos nossos olhos ela não tinha aparência física de uma criança com hidrocefalia, ela não era diferente das outras crianças, somente alguns profissionais de saúde reconheciam o diagnóstico. Ao falarmos isso para a mãe, ela nos contava algumas situações que vivenciava no Hospital de Clínicas da Unicamp.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quitar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola				O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

Um dia tive que procurar o médico que atendia minha filha, não podia ausentar do meu local de trabalho e encontrei-o no restaurante do HC. Fui perguntando assim mesmo sobre a tomografia dela. Ele mostrou para outros médicos que estavam na mesa e um deles exclamou: nossa que baita hidrocefalia! Respondi que era da minha filhinha e o médico que me atende complementou dizendo: Se você visse a filhinha dela acharia que essas tomografias não são dela.

Um outro tipo de curiosidade pairava no Maternal I

Ela tem dreno mesmo, perguntava a estagiária. Eu imaginava que quem tivesse hidrocefalia teria uma cabeça grande, não falava, e muito menos andava. Ela é diferente do que eu imaginava.

Dentro de alguns meses ela estará passando para o Maternal II, outros desafios virão, tanto para ela como para as educadoras e a família. Aprendemos a não nos anteciparmos nas situações, mas quando elas surgirem agirmos conforme o momento pedir. Isso não é fácil, requer muitas vezes reconhecer e admitir que não sabemos de todas as coisas que podemos cometer erros, mas acima de tudo que aprenderemos com eles.

Neste momento abro um espaço neste texto para dois depoimentos relevantes. Na entrevista com os pais dessa criança, perguntamos se gostariam de deixar uma mensagem a outros pais que estejam passando por uma situação semelhante.

Para nossa surpresa chegou-nos às mãos duas cartas endereçadas a uma menina de dois anos, com uma mensagem que, certamente, um dia deixará o seu mundo *cor-de-rosa*:

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola				O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho	

Carta a minha filhinha

Hoje, 17 de dezembro de 2002,

Vem-me a mente as lembranças de pouco mais de dois anos atrás. São tantas, tantas imagens passadas, angústias, alegrias, expectativas. Papai e eu depositávamos muitos sonhos em você que aguardávamos ansiosamente, após tanto planejamento e espera.

Quando em ultra-som na 11ª semana de gravidez soubemos que você R. (escolhemos o seu nome nesse mesmo dia), possuía hidrocefalia. Portanto, foi o restante do pré-natal cheio de tumultos, exames, consultas, medos.

Mesmo em meio à tempestade, sempre procuramos passar a você muita calma e tranquilidade, pois tudo iria dar certo (realmente nos agarramos nesta certeza). Entre um exame e outro, sempre que tínhamos um tempinho, cantávamos e contávamos histórias para você querida. Nós conversávamos muito e você nos respondia com chutinhos (aí, como eram doloridos, porém gostosos).

Finalmente você nasceu, surpreendendo a todos, recusando a vaga na UTI, pois era um bebê nota 10.

Já nas primeiras horas de vida lhe foi colocada uma válvula intracraniana (DUP) com ótimos resultados.

Lembro-me da primeira vez que você mamou em meu seio, 17 de dezembro de 2000, com quatro dias de vida. Quanta dificuldade, mãe e filha procurando uma maneira de se adequar melhor à situação...Momentos mágicos, maravilhosos que seguiram até os 18 meses, quando, de repente, você decretou que não mais queria, pois já estava crescida. Foi difícil, mas aceitei.

Filha, mesmo com todas as possibilidades em vista, desde o princípio: atrasos no desenvolvimento, dificuldades inúmeras, para ouvir, falar, comer, andar...Nunca deixamos de acreditar e estimular você a aprender e a vencer.

Algumas vezes não recebíamos apoio médico em relação aos estímulos cerebrais, pois diziam que você possuía hidrocefalia grave (acentuada) e que certamente haveria seqüelas, porém não nos era possível saber quais ainda e, muito menos, neutralizá-las com estímulos.

A luta era grande, a vontade de vencer, maior ainda. O amor que sentimos por você, meu anjo, sempre foi muito maior do que essa hidrocefalia. Portanto, com ajuda constante de Deus, dia-a-dia, fomos colhendo os frutos de nosso esforço. Sempre cuidando de sua saúde física (boa alimentação, sono tranquilo,...), mental (passeios em meio à natureza, leituras de belas histórias, amor,...) e espiritual (sempre mostrando o caminho a Deus)

Hoje, meu amor, você está linda, falante, esperta, seu desenvolvimento está indo muito bem, nunca apresentou qualquer sintoma de algo errado mesmo com tantos probleminhas. Confesso a ti R. que nunca conheci uma criança tão carinhosa e cativante como você.

Não há barreiras tão grandes que, o amor a dedicação e a perseverança em Deus não possam derrubar...

Te amamos querida!
Papai e Mamãe

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Quitar da Colcha	Links
O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola				O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho

Carinho...

Um dia eu disse que iria contar quantas vezes nossa querida filha pronuncia esta tão deliciosa palavra em um dia.

Há dois anos atrás, não poderíamos imaginar este presente tão glorioso. Nossas atenções estavam voltadas a uma cesariana complicada: será que tudo vai dar certo? Terão que puncionar a cabecinha de nossa filha ainda no útero? Ela nascerá bem? Será que há vaga na UTI ?

Lá estavam elas no Centro Operatório. Do lado de fora, a angústia tomava conta do meu coração. Não precisou uma hora para que a enfermeira trouxesse a pequena R. tranqüila, como se nada houvesse acontecido.

É bem verdade que o momento de nosso encontro foi um misto de alegria e tristeza que mesmo hoje eu não consigo dimensionar. Mas a primeira batalha estava ganha. Você pode imaginar? Não, nem eu acreditei: Apgar de 10 e 10.

O pediatra comentou: *“A única pessoa que não sabe que ela tem hidrocefalia é ela mesma !”*

É, realmente, ela não se deu conta. Com menos de 24 horas, estava novamente no Centro Cirúrgico realizando uma cirurgia para colocar uma válvula intracraniana, a fim de drenar líquido no peritônio.

Seguiu-se momentos de tensão, porém com a certeza de que nossa pequena é vencedora. Então foi diferente, recuperou-se de maneira excelente, sem nada acontecer de errado.

A história seguiu o seu curso de vitória, muitas atividades, neurologistas, oftalmologista, fisioterapia, terapeuta ocupacional, cardio, pediatra, vacinas...

Quatro meses se passaram, mamãe tem que voltar a trabalhar. Tínhamos mais uma barreira a enfrentar, a pequena R deveria ir para a creche. Fomos acertar os detalhes com a direção. Mais uma vez maratona: diretora, pedagoga, psicóloga, enfermeira, nutricionista e até dentista.

Tudo estava pronto.

E a R. vai à escola. Nada melhor do que ser uma criança normal.

Valeu investir no tratamento da igualdade, minha filha, mesmo com suas diferenças, pois você tem nos mostrado hoje que o amor a tudo supera e a felicidade de tê-la em nossa vida é simplesmente imensurável.

Te amamos querida !

Papai e Mamãe

Campinas, 17 de dezembro de 2002

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola					O Pé Caiu ...	O Biscoito de Polvilho

O Pé Caiu...

A cada mês no berçário da creche, entra um ou mais bebês. Depois da matrícula, antes da criança ingressar, algumas informações são repassadas as educadoras.

Geralmente, a enfermeira que preenche a ficha de saúde do bebê orienta as educadoras do berçário sobre a nova criança. Neste dia (setembro de 2000), ela nos disse que iríamos receber um bebê com agnesia de antipé esquerdo, ou seja, ele não tem o pé esquerdo.

A pergunta das educadoras em relação ao fato fez com que a enfermeira com a ficha da criança na mão, respondesse:

A mãe nos relatou que ficou sabendo quando ele nasceu. Não foi diagnosticado no útero. Segundo o médico que a atendeu, argumentou que a disposição do cordão umbelical pode ter impedido o crescimento normal do pezinho. Não é nada genético, também não foi alguma medicação que a mãe tenha tomado. Simplesmente não desenvolveu de maneira normal.

Quando retornei de férias fui conhecê-lo no berçário da manhã. Era verão e os bebês ficavam com roupas leves, pois o calor era grande. E este bebê estava de meia. Perguntei a educadora se ele estava doente ou algo parecido.

A mãe trouxe-o assim, respondeu ela. Acho que ela quer que ele fique com a meia, por causa do pezinho, para não chamar muito a atenção.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Quiltar da Colcha	Links
O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola		O Camaleão Cor de Rosa			O Biscoito de Polvilho

Achei curioso e fui perguntar para a enfermeira.

Ela respondeu que a maioria dos bebês acorda cedo e as mães costumam agasalhar. Com o decorrer do dia e o calor troca-se o bebê. Essa educadora era do Maternal I e justamente hoje ela estava substituindo a falta de outra educadora aqui do berçário. Talvez ela tenha tirado essa conclusão sozinha, pois não tem problema nenhum tirar a meia do bebê.

Fiquei pensando como as pessoas lidam com algo novo e diferente em um primeiro momento escondendo. Para a mãe não era necessário esconder e fomos percebendo isso ao longo de sua estada no berçário.

Era um dos bebês mais ágeis, logo começou a engatinhar e a explorar o salão do berçário.

A mãe nos notificou que quando ele completasse nove meses de idade ele estaria utilizando uma prótese para não prejudicar a articulação do quadril, uma vez que o bebê tinha um encurtamento de 1cm e 8mm nessa perna.

A prótese era fácil de colocar e se encaixava no sapato. E conforme ele crescia ela era substituída por uma outra maior.

A passagem da criança do berçário para o Maternal I foi tranqüila. Gostou do novo espaço de exploração e com treze meses de idade iniciou a marcha.

Nos dias frios de inverno as crianças permaneciam de sapato e nos dias de calor ficavam descalças. Para o grupo de crianças e as educadoras do módulo era comum ver esse

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola		O Camaleão Cor de Rosa			O Biscoito de Polvilho	

garoto explorando e subindo nos bancos, no trepa- trepa, no parque, no escorregador. Ele era ágil nesses brinquedos.

Na época de presentear os pais a educadora levantou uma questão:

Vamos fazer um presente para o dia dos pais, é um saco porta sapatos, em que vamos carimbar os pezinhos das crianças com tinta, deixando uma marca. No caso dele a gente faz um pé ou os dois? Perguntou.

Boa pergunta. Tem perguntas que você não responde sozinha. Pois ali havia a mesma impressão estética do berçário.

Vamos perguntar à mãe o que ela acha? Respondi.

Tem que ser os dois, respondeu a mãe. Lá em casa a gente chama o pé que vai colocar a prótese de pitoco. Eu falo para ele “dá o pitoco para a mamãe colocar a meia”. Só vai ter a cara dele se tiver o pitoco junto.

Os meses foram passando no Maternal I, as atividades vão se diferenciando por faixa etária das crianças e ampliando os espaços de exploração. Um deles é o pátio que dividimos com o PRODECAD em que brincam com crianças de quatro a seis anos de idade.

Um desses dias de atividades vem a educadora do grupo dele toda eufórica me contando que ao estarem juntos no pátio do PRODECAD algumas crianças maiores se aproximaram dele e perguntaram o que havia acontecido com seu pé.

Como ele não respondia, elas olhavam para ela e continuaram com as perguntas: *Ele machucou o pezinho? O pé dele caiu?*

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola		O Camaleão Cor de Rosa			O Biscoito de Polvilho	

A educadora disse que não, que o pezinho dele não cresceu como o outro.

Eu posso pôr a mão? dizia uma já tocando. Ele olhava não respondia nada e observava as crianças mexerem no seu pezinho. Seu olhar nos mostrava que estava atento a essa nova situação.

Alguns dias se passaram e novas crianças perguntaram a mesma coisa: *O pé dele caiu?*

Hoje sua linguagem está desenvolvendo e daqui alguns meses seu convívio com as crianças maiores do Maternal II será diário. Essa pergunta lhe farão várias vezes. Estaremos participando com essa criança da construção da noção da diferença.

Novos desafios virão pois, entrou no berçário da CAS um bebê com agnesia da mão esquerda.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola		O Camaleão Cor de Rosa			O Biscoito de Polvilho	

O Biscoito de Polvilho

Algumas crianças que estão no Maternal II comemoram seu aniversário na creche com bolo e refrigerante. É uma festa em que todas as crianças do módulo participam. Esta era a primeira festa de aniversário no Maternal II no ano de 2001.

Nesse dia encontro a educadora desse módulo passeando com uma das crianças que deveria estar na festa. Ao me encontrar, ela mesmo iniciou falando.

Ela não pode com leite e o bolo de aniversário de hoje tem leite. Chamou-me para longe da criança e cochichou ao meu ouvido. Eu tenho dó dela, ela fica olhando, fica com vontade, achamos melhor tirar ela do lugar.

Semanalmente nos reunimos com as educadoras do módulo e nessa reunião pedimos a presença da nutricionista para avaliarmos qual seria a melhor conduta a ser tomada com essa criança. Tínhamos um conhecimento de que ela era alérgica a leite, mas esse era o momento para maiores esclarecimentos.

A nutricionista começou a relatar que a criança possuía uma sensibilidade alérgica à proteína do leite e seus derivados. Manifestada muito cedo, desde o primeiro mês de vida da criança, de maneira bem peculiar, porque ela não estava exposta ao leite de vaca, que é o seu fator alérgico, sendo que usufruía o aleitamento materno exclusivo.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quitar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola		O Camaleão Cor de Rosa		O Pé Caiu ...		

Durante o período de berçário na CAS, a mãe amamentou-a fazendo um controle rigoroso na sua própria alimentação para não afetar a criança. Pois se comesse alguma coisa que tivesse leite, isso desencadearia uma reação alérgica na criança cuja manifestação era um sangramento intestinal com menor ou maior intensidade, dependendo do que a mãe ingerisse.

Esse foi um dos motivos da mãe obter o atendimento em nossa creche. Ela não teria direito à vaga ,uma vez que é estudante e não servidora da Universidade.

No período de berçário foi fácil controlar, pois na CAS não se oferece leite, e o desafio maior estava na mãe fiscalizar a sua própria alimentação. Já no Maternal I foi controlado preparando os bolos com suco de frutas. O ambiente da creche é mais simples, uma vez que em sua maioria os alimentos são naturais e dificilmente se utiliza leite.

Contou-nos que alguns meses atrás ocorreu uma situação que desencadeou a alergia na criança ao oferecermos no lanche a bolacha água e sal. Nós não tínhamos o costume de ler os rótulos dos produtos antes de oferecer à criança. Foi uma aprendizagem mútua, da creche e da mãe. Pois, alguns biscoitos possuem derivados lácteos.

Atualmente quando vamos oferecer algum biscoito diferente olhamos o rótulo para avaliar se esses ingredientes não são alérgicos para a criança.

Quando teve festa de aniversário no Maternal I ela não estava, lembrou uma das educadoras.

Essa é a primeira vez. Ficar afastando-a toda vez que tem aniversário ou algo parecido, não sei se é a melhor solução, complementou outra educadora.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola		O Camaleão Cor de Rosa	O Pé Caiu ...			

Após a conversa planejamos que em uma próxima situação de festa iríamos oferecer frutas e ela não seria retirada do ambiente.

E assim foi. Todos comiam bolo e ela um tipo de fruta ou pelo menos tentava com o incentivo da educadora.

Uma das educadoras teve uma brilhante idéia.

E se colocarmos frutas e bolo para todos e dissermos para a turma podem escolher e para ela explicarmos que o bolo não, porque tem leite, assim ela não se sentiria sozinha comendo a fruta. Todos gostaram da idéia.

E assim foi, ela comeu melhor e percebemos que nem todas as crianças queriam comer o bolo de aniversário, preferindo em seu lugar a fruta.

Em uma conversa informal com a mãe ficamos sabendo como era seu procedimento nas diversas situações inclusive nas festas de aniversário.

Eu vim para a creche por causa disso. Contou-nos a mãe. *Achei que teria que parar por muito tempo a faculdade por causa do problema de minha filha. Eu não achava um lugar que eu pudesse confiar e dizer que minha filha não pode com o leite de maneira nenhuma. Ela terá que passar 2 a 3 anos de sua vida afastada disso. Eu vou fazer minha parte e preciso que o cuidador faça a dele,* disse emocionada.

Fui descobrindo o que ela podia comer a custo de continuar comendo, pois assim como vocês nós não tínhamos o hábito de olhar os rótulos dos produtos. Ela tem uma facilidade de compreensão e expressão verbal grande, que desde o começo eu conversei

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola		O Camaleão Cor de Rosa	O Pé Caiu ...			

com ela, mostrando todos os alimentos que naturalmente as pessoas oferecem às crianças e que ela como uma criança especial não poderia comer como bolacha, bolo, chocolate, danoninho. E a gente ensinou uma frase crucial a ela: Tem Leite? Se tivesse não podia comer.

Contamos para a mãe a situação das festas de aniversário na CAS e qual tinha sido o nosso procedimento.

Tínhamos alguns medos como: E se comer o lanche do amigo, e se comer escondido alguma coisa sem nós sabermos. Estas dúvidas ficavam, dizia a mãe.

Começamos também a comer esses alimentos que tem leite na frente dela. Procurávamos não esconder. Se ela era alérgica, outras pessoas não eram. Algo como cada um tem um gosto diferente por alguma coisa, o dela teria que ser por tudo aquilo que não tem leite ou seus derivados. Quando íamos a alguma festa de aniversário, foram poucas até agora. Eu dizia: esse não!. Pois, iria estragar tudo a custa de um brigadeiro ou coisa parecida, finalizou a mãe.

Percebemos que a mãe estava fazendo a sua parte e quanto a nós teríamos que agir da melhor maneira nessas situações.

No Maternal II a criança foi participando de todas as atividades, festas, atividades de culinária e conversávamos com ela dizendo: *Esse tem Leite. Esse você não pode.*

Um dia desses aconteceu uma situação interessante. Era o lanche da manhã com suco e biscoitos de polvilho. Colocamos frutas também, pois ela não podia comer o biscoito. E nesse dia ela queria muito esse biscoito.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quitar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola		O Camaleão Cor de Rosa		O Pé Caiu ...		

A educadora comentou

A nutricionista disse que esse tem leite, falei para ela, mas não adiantou pois ela esta chorando muito pedindo o biscoito. Não costuma fazer desse jeito, jogou a fruta e a bolacha longe e continuou a pedir o biscoito de polvilho.

A educadora do grupo tentou desviar a atenção dela levando-a para outro lugar, mas ela continuava pedindo o biscoito de polvilho.

Colocamos a situação para a mãe e ela nos disse

É único biscoito que ela pode comer em casa. Mas, eu não sabia que tem alguns que são feitos com leite, nunca disse isso para ela. Talvez seja por isso que ela queira comer. Nossa! Como é importante estarmos junto nisso. Respondeu a mãe.

Faltam alguns meses para ela ir para a outra escola. O organismo dela está começando a responder de forma diferente aos derivados do leite. As reações estão se modificando. Num futuro próximo ela poderá estar tendo uma alimentação normal. No entanto, outras crianças com o mesmo problema estão entrando na CAS.

Perguntei à mãe o que ela aconselharia a outras mães que passarem por isso.

Aprender a aceitar, eu sei que não é fácil por causa do leite ser o símbolo da alimentação infantil. O leite é a base, e você mexe com aquela coisa de mãe. Meu filho não pode tomar leite ele vai ficar desnutrido, vai ficar sem comer. Ter dó porque não pode comer isso ou aquilo ou achar que tal alimento fará uma falta tão grande que a criança não conseguirá suprir, não ajuda. Que as mães sejam mais o claras possível com seus

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quiltar da Colcha	Links
	O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola		O Camaleão Cor de Rosa		O Pé Caiu ...		

filhos, e que procurem falar com eles em uma linguagem que entendam sem esconder e que todos tenham a mesma conduta frente à criança. Ela vai conviver com outras pessoas que não tem o problema dela e não vão esconder dela. É melhor ensinar a perguntar “Tem Leite?” E a responder “Se tem eu não posso”.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico		Quitar da Colcha	Links
O Caso do Diagnóstico e a Síndrome da Cebola		O Camaleão Cor de Rosa	O Pé Caiu ...				

QUILTAR DA COLCHA

Antes de começarmos este diálogo convido você, leitor, a fazer uma pausa e a imaginar uma porção de retalhos coloridos de pano e em suas mãos as linhas e agulhas que o ajudarão a costurá-los em um tecido. Assim é o cotidiano, algo que se tece diariamente a partir de seu próprio movimento, podendo ser composto de vários retalhos. Como as colchas de pathwork, tão comuns nas cidades do interior paulista, que trazem a história da família, escrita em retalhos de panos guardados e montados pelo artesão.

Conhecer o cotidiano da CAS não significa que seremos capazes de obter a imagem certa e absoluta dessa realidade rica e dinâmica e sim como sujeitos dela queremos produzir sentido e deixaremos as nossas marcas, nesta colcha.

Como pequenos retalhos coloridos de pano as histórias anteriormente apresentadas, falam do cotidiano da creche, de movimentos que lhe são peculiares.

O desafio está em costurar os retalhos e apresentar o tecido de significados, a partir de uma certa coerência, como é feito com o quiltar de uma colcha de pathwork. Daí a opção por recortes de tecido, que embora não represente na íntegra esse cotidiano e suas redes de relações, fala dele e dialoga com os objetivos da pesquisa.

Tecidos quatro retalhos do cotidiano, resolvemos dispô-los em quatro recortes.

O primeiro recorte está na pergunta:

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano		Links

O que produz em mim a presença do outro?

Nós, seres humanos, como seres sócio-culturais, necessitamos do outro, mesmo que assumindo com isso certos riscos. Em tudo que fazemos a presença do outro é marcante. Somo seres que reconhecemos a nossa dependência e convivência com outro, desde a mais tenra idade. Enriquecemos nosso viver, amar, construir, criar, nos alegrar com a presença do outro. No entanto, a relação com o outro nos inquieta, porque não se reduz ao previsível, ao pré-escrito e ao controlável. Ela é uma relação dinâmica, individual e ao mesmo tempo coletiva que, de certa forma, determina a nossa identidade.

Pois, segundo Téllez (2001) *“se os sujeitos individuais e coletivos criam sua identidade na diferença, o outro sempre esta ali para liberar-se do peso do homogêneo”*(p.77) .

Além de nos enriquecermos com o outro somos seres finitos e talvez seja essa consciência de finitude que nos faz deixar todo tipo de marcas de nossa passagem e presença no mundo. Dentre essas marcas está a necessidade de reconhecermos o outro a partir de nossa própria identidade.

O segundo recorte nos remete à frase: aceitar o outro em sua diferença.

Detectada alguma diferença no outro, estabelece-se um estranhamento, seguido de uma oposição por dicotomia: não nos identificamos com o outro, que agora é um estranho.

Vivemos em uma sociedade normativa, que evidencia a diferença pela comparação.

Para Duschatzky & Skliar (2001):

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano		Links

Para essa autora o saber científico e técnico sobre as deficiências humanas patologizam, culpabilizam e capturam o outro, traçando entre ele e nós uma rígida fronteira que não permite compreendê-lo, conhecê-lo. Classificamos e atribuímos ao outro uma identidade construída, a partir de sua deficiência e daí a necessidade do diagnóstico como definidor dessa identidade.

Antes da entrada das “novas crianças” na CAS, caminhávamos no terreno do previsível, do conhecido. Embora as respostas das crianças frente às solicitações que lhes eram feitas pelos adultos fossem diferentes, elas aparentavam um mesmo padrão e a enquadrávamos no que condicionamos chamar de características da faixa etária da criança.

Segundo Veiga-Neto (2001);

“A inclusão pode ser vista como o primeiro passo numa operação de ordenamento, pois, é preciso a aproximação com o outro, para que se dê um primeiro (re) conhecimento, para que se estabeleça algum saber, por menor que seja acerca desse outro” (p.113)

Algumas idéias e sentimentos em nossa sociedade nos impedem de reconhecer que uma criança pode ser diferente daquela que acreditamos ser a representante de determinado grupo etário. Embora a criança esteja inserida em um meio físico, social e cultural, não está assegurado que essa inserção proporcionará avanços no seu desenvolvimento nos aspectos intelectual, social, físico e afetivo. Ela Precisa de um parceiro, intermediando a construção dos seus conhecimentos, que a provoque e a desperte para a aprendizagem.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano		Links

Para Mantoan (2001):

“A aprendizagem é uma atividade psicológica que revela as peculiaridades de cada aprendiz ao se adaptar à diversidade dos objetos de conhecimento. Para se apropriar do saber acadêmico, cada aluno traça, individualmente, um caminho que é mediado pelo professor e/ou pelos colegas” (p.62)

O terceiro recorte nos remete às “identidades especiais”, provenientes do diagnóstico.

Reconhecer o outro exige abdicar de uma suposta superioridade que os saberes acadêmicos impõem à diferença, em que as características dos indivíduos são atribuídas à enfermidade ou à deficiência. Mas, que validade teriam os diagnósticos diante das infinitas possibilidades que cada ser humano encerra? Que imagem é essa que fazemos do outro diferente?

Segundo Larrosa (1998), fabricamos imagens do outro que:

“[...] funcionam para classificar e excluir as pessoas que não são como nós e para enquadrá-las em aparatos pedagógicos, assistenciais ou terapêuticos. [...] somos nós que definimos o Outro, especialmente quando essa nossa definição se supõe avalizada pelos aparatos que articulam uma função técnica ou perita dos distintos campos do saber: sono nós que decidimos como é o Outro, o que lhe falta, de que necessita quais as suas carências e aspirações” (p.76)

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano		Links

presença de outros homens, ou seja a ação só adquire estatura quando explicitam bem publico e esse reconhecimento só se realiza com o outro, porque somente este confirma uma existência singular” (p.213)

Por isso, nos primeiros relacionamentos sociais das crianças pequenas é importante encorajar uma abertura e um interesse pelos outros, uma disposição para incluir o outro por mais diferente que seja, de modo que a descoberta da diferença pela criança não crie constrangimento para o adulto e com isso se instale o preconceito.

O desenho da colcha de retalhos se formou a partir de dois tipos de mudanças, que ocorreram na CAS com a entrada das “novas crianças”.

Uma mudança estrutural que está relacionada às alterações no Regimento Interno, na organização das turmas de crianças, nas alterações da proposta educacional, no cardápio em geral, na atuação dos educadores com os pais, usuários, ou seja, mudanças de conduta da instituição relacionada à inclusão, ao acesso e a permanência do outro “diferente” no cotidiano da creche.

Outras mudanças foram específicas e momentâneas e de caráter funcional porque estão relacionadas com o que a presença do “diferente” produziu nas pessoas, implicando em acolher o outro em sua estranheza e na soberania de sua diferença, o que, na maioria das vezes exigiu uma aceitação/modificação pessoal e não apenas institucional.

Anteriormente, a justificativa oficial para impedir o ingresso das crianças com deficiência na CAS estava no fato de não ter profissionais especializados para o atendimento desses alunos. O medo de trabalhar com algo novo, diferente, a angústia de

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano		Links

não saber “como fazer”, de se ter pessoas qualificadas que atuem com essas crianças justificavam a cláusula impeditiva do Regimento Interno da CAS.

Vencida a barreira do ingresso à CAS, a proposta inicial de atendimento às primeiras crianças com deficiência que entraram na creche limitou-se a propiciar-lhes um ambiente de socialização, ficando para a família buscar fora da instituição todo e qualquer trabalho especializado nas áreas terapêutica e educacional.

Atualmente, as crianças com deficiência ingressam na CAS não somente para a socialização, mas participam de toda e qualquer ação educativa proposta pela creche. A família se responsabiliza pelo atendimento em outras áreas clínicas.

A mudança estrutural ocorrida na CAS com a entrada das “novas crianças” caminhou no sentido de expandir suas ações educativas, atingindo todas as crianças. E suas ações são:

- Compartilhar o processo ensino/aprendizagem com os pais com maior intensidade e de uma maneira sistematizada, compromissando ambas as partes: família e instituição, no acompanhamento do desenvolvimento da criança.
- Diminuir a proporção criança/adulto na organização das turmas de crianças quando estas tiverem uma criança com deficiência.
- Flexibilizar a passagem de todas as crianças da CAS, com e sem deficiência, de um módulo para o outro, desconsiderando a rigidez da faixa etária, mas atendendo às necessidades e peculiaridades de cada criança.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Links

- Disponibilizar as atividades pedagógicas, contando sempre com os imprevistos e construindo novas situações, a partir dos materiais didáticos – pedagógicos disponíveis para todos e próprios de uma creche.
- Modificar o cardápio alimentar, propiciando uma adaptação do mesmo a fim de que seja adequado à qualquer criança que apresente algum tipo de alteração/restricção alimentar que as crianças possam vir a necessitar.
- Propiciar uma nova disposição e apresentação dos alimentos oferecidos às crianças para que a escolha alimentar seja delas e não dos adultos.

As mudanças estruturais significaram um aprimoramento do serviço e não uma adaptação para atender algumas crianças. O que essas “novas crianças” estão trazendo à CAS é a necessidade de rever a sua organização, a sua estrutura de atendimento, assim como o modo como atuam os seus educadores para atender com qualidade à todas as crianças.

A mudança funcional ocorreu principalmente com o grupo de educadoras que atuam diretamente com a criança com deficiência, pois elas as conhecem, sabem de seus gostos, suas preferências. As expectativas dessas educadoras são sempre no sentido de considerar o tempo de cada criança e de reconhecer como conquistas as menores mudanças de comportamento dessas crianças.

Essas profissionais apreenderam a construir novas situações, a partir dos erros e, principalmente, o significado do “diferente”, sem compará-lo com incapacidade e/ou doença.

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano		Links

“incompetências”, “déficits” de cada um, pela fé e confiança que todo educador deve ter nos infinitos possíveis do ser humano.

E para você leitor qual o desenho que a colcha deve formar?

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano		Links

	Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano		Links

Delors, Jacques (2000). *Educação: um tesouro a descobrir*. 4 ed. São Paulo, Cortez-Brasília DF: MEC/UNESCO. "Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI".

Duarte, Márcia P. (1997). *Período de Adaptação na Educação Infantil: uma análise à Luz da teoria de Henri Wallon*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação)- PUC-SP.

Duschatzky, S & Skliar, C (2001). *O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação - (p.119-138)*. In Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença- Jorge Larrosa e Carlos Skliar (org). BH - Autêntica.

Fagundes, Magali dos Reis(1997). *A creche no Trabalho...O trabalho na creche*. Um estudo do Centro de Convivência Infantil da Unicamp: Trajetórias e Perspectivas. Campinas- SP- FE/Unicamp (Dissertação de Mestrado).

Faria, Ana Lúcia G. (1995). *Da Escola Materna à Escola da Infância: a pré-escola na Itália Hoje*. Cadernos CEDES, n. 37, Campinas, Papirus Editora.

_____ (1999). *Educação Pré-Escolar e Cultura: para uma pedagogia da educação infantil*. Campinas –SP. Editora da Unicamp, SP Cortez - Editora.

Ferre, Núria Perez de Lara-(2001). *Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta (p.195-214)*. In Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença- Jorge Larrosa e Carlos Skliar (org). BH - Autêntica.

Ferraço, Carlos E. (1998). *Currículos e Conhecimentos em Redes: as artes de dizer e escrever sobre as artes de fazer*. Publicação virtual na homepage do GT-Currículo da Anped: <http://www.cfch.ufrgs.Br/faced/gtcurriculo>.

_____ (2001). Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In Nilda Alves & Inês B. de Oliveira (org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro, DP& A editora.

França, Sônia Ap. Moreira (1998). *Diferença e Preconceito : a efetividade da norma (p.203-215)*. In Diferenças e Preconceito na escola: Alternativas teóricas e práticas- Julio Groppa Aquino (org.)- SP- Summus.

Gera, Maria Zita F. (1994). *Conhecendo os Educadores de Creche: um estudo sobre quem cuida diretamente da criança*. Franca, Universidade Estadual Paulista; Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Tese de (Livre -Docência)- UNESP.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quiltar da Colcha

Téllez, Magaldy (2001). *A paradoxal comunidade por-vir. (p.45-78).*). In Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença - Jorge Larrosa e Carlos Skliar (org). BH – Autêntica

Veiga –Neto, Alfredo (2001).*Incluir para Excluir. (p.105-118).*). In Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença- Jorge Larrosa e Carlos Skliar (org). BH - Autêntica

Vieira, Livia M. F. (1999). *A formação profissional da educação infantil no Brasil no contexto da legislação, das políticas e da realidade do atendimento.* In Pró-Posições - vol 10 n1 [28]- revista da FE - Unicamp, p.28-39.

Zuin, Elenice de Souza Lodron (2001) . *A utilização dos recursos pedagógicos em sala de aula com alunos com necessidades especiais (1ª parte)p.13.*In Anais do II Seminário Internacional da Sociedade Inclusiva PUC - Minas, Belo Horizonte.

Sobre a Tese	O Problema	Referencial Teórico	Percurso Metodológico	Retalhos do Cotidiano	Quitar da Colcha

ANEXOS

ANEXO 1

PESSOAS

Animais abandonados são socorridos por voluntários



Rosana Nazaro Medeiros Silva e Aparecida Donisete brincam com cães no campus: amor aos animais

A população de cães abandonados na Unicamp aumenta a cada dia. Muitos donos que não possuem condições de cuidar dos bichos acabam abandonando-os no campus. O que muita gente não sabe, porém, é que inúmeros voluntários têm se mobilizado para reverter esse quadro.

Funcionários, alunos e professores alimentam, vacinam, vermifugam e até castram os cães que circulam pelo campus. "Não dá para ver o problema e fingir que não vemos. São cerca de 40 cachorros", afirma a enfermeira do Cecom, Rosana Nazaro Medeiros Silva. As pessoas têm que se conscientizar que a adoção de animais é uma opção e, por isso, deve ser feita com responsabilidade, argumenta a enfermeira, que também é veterinária.

Diariamente, logo que termina seu expediente na Unicamp, por volta das 19 horas, a enfermeira percorre vários locais da Universidade para levar assistência aos cães. Quando um Fiat Uno cinza estaciona em um dos pontos do campus, Castanha, Tina, Nina, Boiadeiro e Laika, com certeza já estão por perto. Todos têm seus nomes registrados nas carteiras de vacinação e, como veterinária, ela mesmo acaba tratando de ferimentos e castrando os animais.

Mas não é só Rosana que por amor aos animais acaba realizando tarefas e empregando tempo e dinheiro do próprio bolso em favor deles. Aparecida Donisete Faria, doutoranda do Instituto de Biologia, também faz o mesmo trabalho. "A situação aqui não está fora de controle como muita gente pensa", conta.

Polêmica - Há, no entanto, aqueles que se sentem intimidados com a presença dos cães na Universidade como é o caso de Demétrio da Silva Filho, que faz doutorado no Instituto de Física. "Cães são seres

irracionais e nós não podemos esperar que eles se comportem", diz. O pós-graduando acredita que em caso de acidentes haverá dificuldades em se apurar as responsabilidades. Além disso, os cachorros estão em toda parte, comenta. "Até em salas de aula".

Laudemir Manzani, diretor administrativo do Serviço de Segurança da Universidade, acha difícil que algum dos animais ataque alguém. "Eles são muito velhos e dóceis". Muitos dos próprios seguranças brincam e alimentam os bichos. "Existe um vínculo entre eles. Em algumas guaritas os animais chegam a sair se a pessoa que está lá não é o segurança que conhecem", conta.

Rosana argumenta que os cachorros não são agressivos, mas sim carinhosos. "O que percebo é que muitas pessoas fazem maldades para eles, como por exemplo jogar pedras". Já Aparecida observa que a maioria das pessoas no mínimo não se incomoda com a presença dos cães na Unicamp e qualquer medida drástica que envolva esses animais deveria passar por consulta à comunidade. Ela reconhece que o melhor lugar para eles não é o campus e sugere que poderia se fazer, por exemplo, uma campanha para que as pessoas adotassem esses cachorros.

Uma outra forma encontrada pelos voluntários de controlar os animais foi a adoção de fichas de identificação, conforme explica a técnica de laboratório da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação, Regina Maria Floriano. "O problema é que as coleiras e identificações somem ou muitas vezes são roubadas". Regina, como os outros do grupo, também se empenha nos cuidados com os bichos. Por muitas vezes no mês, ela atravessa a cidade aos finais de semana com parentes, para alimentar e cuidar dos cães.

PESQUISA

Pedagoga promove levantamento na CAS

Em 1992, a Creche da Área de Saúde (CAS) da Unicamp, recebeu um bebê com deficiência visual. Mesmo com poucos recursos e muitos desafios, os funcionários decidiram cuidar da criança. A experiência deu certo. Por causa deste e de outros casos que já passaram pelas creches da Unicamp, a pedagoga Magali Aparecida de Oliveira, da CAS, está realizando um levantamento para diagnosticar a demanda das crianças, filhos de funcionários da Unicamp, que possuem algum tipo de deficiência na faixa etária de 0 a 6 anos. "Acreditamos que o número é significativo, mas não temos estimativa", declara Magali. Com este levantamento, completa, será possível universalizar o acesso dessas crianças às creches da Universidade.

A pedagoga, também aluna de mestrado na Faculdade de Educação, esclarece que é importante que os pais se conscientizem da importância de os filhos estarem convivendo com outras crianças. "Nos casos que tivemos na creche, há até relatos de melhora no tratamento". O que ocorre muitas vezes, segundo ela, é que os pais se sentem inseguros em colocar os filhos em uma instituição. Na Unicamp isto muda, pois somos um centro de excelência, declara. "Recebemos orientações, principalmente do Centro de Reabilitação Gabriel Porto".

Em sua pesquisa, Magali pretende saber onde estão essas crianças, porque estão fora das creches e qual a concepção de inclusão que os pais ou responsáveis possuem. Informações no ramal 87893, pelo telefone 252-6240 ou pelo e-mail maolive@unicamp.br.

GRADUAÇÃO



Pelo menos 500 trabalhos de pesquisa de estudantes de graduação de todas as áreas da Unicamp foram apresentados, nos dias 19 e 20 de setembro, em painéis no Ginásio Multidisciplinar. A abertura do congresso contou com a presença do reitor Hernando Tavares, do pró-reitor de Pesquisa, Ivan Chambourleyron, e do pró-reitor de Graduação, Angelo Correlazzo. Este ano, aumentou em 15% o número de alunos bolsistas participantes da mostra.

ANEXO 2

COMUNICADO ÀS MÃES DO SISTEMA EDUCATIVO DA UNICAMP

Estamos realizando um levantamento, para fins de pesquisa, do número de crianças portadoras de deficiência: auditiva, visual, mental, física, múltipla, condutas típicas e altas habilidades, filhos de servidores da UNICAMP.

Se você servidor(a) da Universidade possui um filho(a) com alguma das deficiências acima citadas, na faixa etária de 0 a 6 anos, entrar em contato com Magali Oliveira (CAS) ramais 87893 e 87903.

MENSAGEM NOS HOLLERITHS DA UNICAMP

Participe da pesquisa se você servidor possui filho (a) com deficiência - CAS
-Ramais- 87893 E 87903.